



Mestrado em Relações Interculturais

As interações sociais entre jovens de diferentes origens nacionais em contexto escolar multicultural

Jussara Baptista da Silva

Lisboa, 2012

Mestrado em Relações Interculturais

**As interações sociais entre jovens de diferentes origens
nacionais em contexto escolar multicultural.**

Jussara Baptista da Silva

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Relações Interculturais

Orientadora: Professora Doutora Maria de Fátima Goulão

Lisboa, 2012

AGRADECIMENTOS

À **Professora Doutora** Maria de Fátima Goulão pelo apoio, paciência, disponibilidade e profissionalismo.

À **Minha Família** pelo carinho, compreensão e incentivo.

À **Direcção da Escola** pela disponibilidade e resposta positiva ao meu pedido.

Aos **Serviços Administrativos** pelas informações disponibilizadas.

Aos **Alunos**, em especial aos delegados de turma, pela solicitude e simpatia demonstradas.

RESUMO

Nas sociedades em que vivemos, o isolamento cultural faz parte da exceção a regra que se traduz em crescente contacto entre indivíduos culturalmente distintos.

Este contacto intercultural e a diversidade que o caracteriza leva-nos a questionar a capacidade de vivermos em harmonia de modo a garantir a coesão social necessária ao bem-estar comum.

A Escola como espaço multicultural e pela importância que assume nas sociedades modernas, deve ser capaz de promover a convivência intercultural do público a que se dirige e prevenir e gerir os conflitos resultantes de preconceitos e estereótipos.

Com este trabalho pretendemos, numa primeira fase, conhecer opiniões, estereótipos e atitudes de jovens estudantes do ensino secundário para podermos projetar caminhos de entendimento, respeito e reconhecimento pela diferença.

O estudo foi aplicado a uma amostra de 106 estudantes do ensino secundário da Escola Secundária de Carvalhos, subdividida em duas categorias: estudantes de origem estrangeira e estudantes de origem portuguesa.

Foram aplicados dois formulários de questionário constituídos, cada um, por três grupos de questões, especificamente destinadas aos dois grupos de estudantes.

Os resultados levaram-nos a concluir que os jovens têm opiniões favoráveis dos exogrupos de estudantes, muito embora sejam perceptíveis atitudes de discriminação diferencial. Da lista de adjetivos a atribuir a cada uma das nacionalidades foram valorizados adjetivos com sentido positivo a determinadas nacionalidades em detrimento de outras.

Palavras-chave: migrações, interculturalismo, estereótipos, atitudes e preconceitos

ABSTRACT

In societies in which we live, the cultural isolation is part of the exception rule that translates into increasing contact between culturally distinct individuals.

This intercultural contact and diversity that characterizes it leads us to question the capacity to live in harmony in order to ensure social cohesion necessary for common welfare.

The importance of the school as a multicultural space in modern societies should be able to promote intercultural coexistence of the public it is addressed and prevent and manage conflicts arising from prejudice and stereotypes.

In this work we, initially, know opinions, attitudes and stereotypes of young high school students in order to design ways of understanding respect and recognize difference.

The study was applied to a sample of 106 secondary school students of Escola Secundária de Carvalhos, broken down into two categories: students of foreign origin and students of Portuguese origin.

We applied a questionnaire consisting of two forms, each of three groups of questions, specifically addressing two groups of students.

The results led us to conclude that young people have favorable views of outgroups for students, although they are perceived attitudes of discrimination differential. From the list of adjectives to attach to each of the nationalities were valued adjectives with positive directions to certain nationalities over others.

Keywords: migration, interculturalism, stereotypes, attitudes and prejudices

Índice

RESUMO	3
ABSTRACT	4
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I CONSTRUÇÃO E JUSTIFICAÇÃO DO ESTUDO	9
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	10
1. As migrações internacionais e o caso português.....	10
2. Contacto e diversidade cultural	13
3. As dificuldades na interação social.....	15
4. Os conceitos: atitudes, estereótipos, preconceitos e discriminação	17
CAPÍTULO III – ESTUDO EMPÍRICO	20
1. O contexto e o objeto de investigação	20
1.1. A caracterização da escola.....	20
1.2. A caracterização da população estudantil.....	21
1.3. A caracterização do objeto de investigação em particular.....	22
2. A metodologia.....	24
2.1. Objetivos e questões da investigação	24
2.2. A amostra.....	25
2.3. A técnica de recolha de dados.....	27
2.4. Instrumento de recolha de dados	27
2.5. Procedimentos.....	28
2.6. Análise de dados.....	29

3. Apresentação de resultados	30
4. Discussão dos resultados	54
CONCLUSÃO	59
BIBLIOGRAFIA	61
ANEXOS	65

INTRODUÇÃO

Tendo por base a diversidade cultural que caracteriza as sociedades atuais e os problemas que daí podem resultar para as relações humanas, nomeadamente como consequência da intensificação das migrações, e considerando as escolas os locais privilegiados de ocorrência do fenómeno da multiculturalidade, bem como locais geradores de mudança de atitudes e comportamentos, procuramos com esta investigação em particular, conhecer opiniões, estereótipos e atitudes de determinada categoria de jovens, estudantes do ensino secundário, sobre questões de multiculturalidade em meio escolar e, deste modo, poder atuar no sentido da mudança de atitudes, transformação de estereótipos e diminuição de preconceitos.

Em função desta problemática foram fixados objetivos considerados fundamentais para a nossa investigação, nomeadamente os seguintes:

- Relacionar as atitudes e opiniões dos jovens estudantes portugueses face a outros grupos nacionais de uma escola local;
- Avaliar os estereótipos e preconceitos presentes numa amostra selecionada de estudantes de diferentes nacionalidades.
- Relacionar a integração social dos jovens de origem estrangeira com a proximidade cultural à sociedade portuguesa e a importância de redes sociais de pertença.

Em resposta aos objetivos que nos propusemos alcançar foi equacionado o seguinte conjunto de questões:

- Será que os estereótipos e preconceitos dos jovens portugueses (endogrupo) se diferenciam relativamente aos dos outros grupos de jovens estudantes (exogrupo)?
- O contacto entre estudantes de diferentes origens nacionais tem contribuído para transformar estereótipos e atenuar preconceitos socialmente transmitidos?
- A diferenciação nos julgamentos do endogrupo relativamente aos outros grupos dependerá das origens nacionais dos seus pares?
- A integração dos jovens do exogrupo dependerá da maior proximidade cultural à sociedade de acolhimento?

Com base no que foi exposto procedemos ao desenvolvimento do nosso trabalho e o mesmo encontra-se dividido em duas partes. Na primeira parte, relativa ao enquadramento teórico, iniciamos com uma breve referência ao fenómeno das migrações internacionais e a apresentação de uma perspetiva histórica sobre os processos de mobilidade externa em Portugal, com enfoque na migração mais recente. Ainda subordinado ao capítulo do enquadramento teórico abordamos o tema do contacto e da diversidade cultural, o problema das dificuldades na interação intercultural e os conceitos a esclarecer para a compreensão dos comportamentos intergrupais.

Na segunda parte deste trabalho, o estudo empírico, num primeiro momento procedemos à contextualização e a identificação do nosso objeto de investigação e, em seguida, caracterizamos o espaço de interação escolhido, a escola, e a população alvo da nossa pesquisa, os estudantes do ensino secundário diurno, com a apresentação de argumentos a favor desta seleção. De seguida, indicamos os objetivos do estudo, as perguntas de investigação, assim como, os procedimentos metodológicos utilizados. Em seguida, passamos à análise dos dados recolhidos com recurso a técnicas de carácter quantitativo e qualitativo. Finalmente, apresentamos as conclusões retiradas desta investigação, referindo algumas das limitações do estudo e abrindo perspetivas para trabalhos futuros nesta temática.

CAPÍTULO I - CONSTRUÇÃO E JUSTIFICAÇÃO DO ESTUDO

Foi nosso propósito conhecer atitudes e estereótipos de jovens de uma escola suburbana e determinar em que medida os seus comportamentos seriam favoráveis ou não ao contacto e a convivência interculturais. Neste sentido, procuramos identificar e comparar comportamentos manifestados por jovens estudantes portugueses face aos jovens de outras origens nacionais e destes para com os primeiros, mas também identificar quer atitudes etnocêntricas relativamente à presença de estudantes de diferentes nações, quer estereótipos e preconceitos que influenciam as atitudes dos jovens.

Despertou-nos especial atenção o facto de, há duas décadas atrás, como referiu Miranda (1994) os estudos revelarem uma imagem positiva do jovem face às questões raciais. Atendendo ao «*carácter dinâmico e mutável*» (p.8) dos estereótipos, procuramos conhecer deste modo, as posições dos jovens no contexto social contemporâneo.

Tendo em conta os objetivos referidos, formulamos, inicialmente, as seguintes questões:

- Haverá regularidades ou singularidades nos comportamentos e atitudes de jovens face a outros de origem nacional diferente?
- Estes comportamentos e atitudes provocam afastamento ou aproximação entre os estudantes oriundos de diversas nações?

Também reconhecemos ser importante articular a investigação que iremos desenvolver, com a realidade de outros estabelecimentos e graus de ensino, mas o fator tempo condicionou, quer a seleção da população a analisar (616 estudantes do ensino secundário diurno), quer a metodologia de estudo aplicada.

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. As migrações internacionais e o caso português

Segundo a obra coletiva coordenada por Carmo (2001) consideramos as migrações como movimentos populacionais que ocorrem dentro de um país ou entre países. Neste último caso, que destacamos, assumem a designação de migrações internacionais.

Com o fenómeno da globalização, as migrações internacionais (por muitos apontadas como causa e consequência da globalização) intensificaram-se e têm, desde sempre, impacto sobre as relações sociais, nomeadamente quanto à modalidade de integração dos migrantes no país de destino e as consequências no país de origem.

Os efeitos sociais concretos das migrações podem implicar um reforço de antigos padrões sociais: como refere o modelo de assimilação – *«quando existe perda das referências originais e aquisição de outras»* (Peixoto, 2002, 64) ou o modelo de pluralismo – *«com manutenção de identidades separadas»* (idem) ou ainda o modelo das comunidades transnacionais – *«com manutenção dos vínculos tradicionais, mas numa escala territorial alargada»* (idem) isto é, que ultrapassa as fronteiras geográficas de um país. Contudo, estes efeitos sociais também podem, em contrapartida, implicar mudança continuada de padrões sociais como o modelo de cosmopolitismo (com a vivência de múltiplas identidades).

De acordo com Matos (1993), os modelos incluídos na corrente individualista da teoria das migrações, entre os quais o de Ravenstein (1885, referido por Matos, 1993), consideravam o fenómeno migratório como um processo racional, resultante de livres decisões individuais baseadas em dois conjuntos de variáveis: por um lado, os fatores de repulsão, na região de origem e de atração, nas regiões de destino, e por outro lado, as variáveis intervenientes que, não sendo claramente integradas nas características das regiões de origem e de destino, influenciariam as decisões de emigrar (como por exemplo, o desenvolvimento das tecnologias de comunicação). No entanto, segundo aquela investigadora (1993), posição que também subscrevemos, «a

liberdade das escolhas tomadas num vazío social não existe» (p.7), isto é, o indivíduo como ator social, encontra-se consciente ou inconscientemente condicionado por estruturas sociais existentes tanto na região de origem, como na região de destino. As estruturas sociais ou redes de *«relações existentes entre os indivíduos implicados numa determinada sociedade»* (Radcliffe-Brown, 1974, citado por Rocha-Trindade, 1995, 90), ao interagirem entre si, condicionariam o fluxo migratório. Nesta perspetiva, as escolhas individuais pela migração teriam causas sociais.

Em contrapartida aos modelos individualistas da teoria das migrações surgiram, segundo Matos (1993), outros modelos centrados nas estruturas sociais, então consideradas como as principais condicionantes dos fluxos migratórios. No entanto, as duas perspetivas de análise do fenómeno migratório são ambas limitativas e devem ser conciliadas.

A abordagem teórica das migrações que procura conciliar a perspetiva micro (centrada no indivíduo) com a perspetiva macroscópica (centrada na estrutura social) dá ênfase aos sistemas migratórios, isto é, *«dois ou mais espaços ligados por correntes e contracorrentes de indivíduos»* (Rocha-Trindade, 1995, 91) e às redes sociais. Nesta abordagem, como explicou a investigadora, a decisão de emigrar resulta dos *«vínculos que relacionam os atores uns com os outros, permitindo compreender as condutas, individuais ou coletivas, dos atores que nela se encontram implicados»* (idem). Deste modo, o desenvolvimento das redes sociais permitiria não só o apoio aos migrantes mas também o estímulo a novas correntes migratórias.

As razões para a migração ou para a *«rigidez espacial»* (Peixoto, 2002, 62) podem, portanto, ser encontradas em diversos domínios, nomeadamente o económico, o social e o político.

Tendo por base o enquadramento teórico que explica o fenómeno das migrações internacionais procuramos, em seguida, esclarecer a situação para o caso português. Assim, Durães (2009) afirmou que durante muito tempo Portugal foi considerado um país de emigrantes, na medida em que *«os fluxos emigratórios eram apresentados como uma característica estruturante da sociedade portuguesa»* (p.169). Por este motivo, a produção científica na área das Ciências Sociais centrava-se no estudo deste aspeto das migrações.

No século XX, a partir dos finais dos anos 50, registou-se, contudo, uma novidade nos destinos preferidos pelos emigrantes portugueses com a substituição dos destinos transatlânticos pelos europeus como a França e a Alemanha.

Nos anos 70 do século passado, como explicou Marques (2009), a crise económica mundial teve como consequência um decréscimo da emigração para a Europa Ocidental e a mudança na composição do fluxo emigratório que passou a integrar os membros familiares dos indivíduos que tinham emigrado para trabalhar, antes da crise económica mundial.

Marques (2009) acrescentou que a partir de meados dos anos 80 a emigração laboral portuguesa revitalizou-se, embora com modificações nos destinos europeus preferidos, sendo a França substituída pela Suíça, como principal polo de atração.

Para além disso, os investigadores Baganha, Marques e Góis (2009) identificaram três fases distintas nos movimentos imigratórios portugueses. Os primeiros movimentos, entre 1974/1975 e 1985, foram o resultado da descolonização e da alteração da lei da nacionalidade. A lei da nacionalidade foi, de resto, responsável pelo aparecimento no país de uma primeira comunidade de imigrantes, de processos de reunificação familiar e da formação de novas famílias, como também do desenvolvimento de redes migratórias informais. Os movimentos imigratórios no período de 1986 a 1999/2000, foram o reflexo da nova fase de crescimento económico e do modelo de desenvolvimento adotado para Portugal, em resultado da entrada do país na União Europeia e da abertura da economia ao exterior. Neste período, o crescimento de imigrantes vindos do Brasil, da Europa e da América do Norte foi significativo. Este grupo de imigrantes integrou os segmentos mais qualificados do mercado de trabalho nacional e teve papel relevante para o desenvolvimento do país. A terceira fase da imigração em Portugal iniciou-se na viragem do milénio e estendeu-se até 2003/2004. Às novas oportunidades de trabalho do setor da construção e obras públicas e das indústrias com ligações ao turismo, responderam novos movimentos imigratórios que contribuíram para a diversificação das origens nacionais e para um crescimento significativo da população imigrante. Os movimentos desta última fase também tiveram, como explicaram Baganha, Marques e Góis (2009), o mérito de afirmar Portugal como país de imigração e, conseqüentemente, permitir a integração

do nosso país «*no sistema migratório global na sua dupla faceta de importador e exportador de mão-de-obra*» (p. 132).

Neste quadro das migrações portuguesas assume particular importância os efeitos de um contacto prolongado entre indivíduos com culturas muito distintas. No próximo capítulo dedicaremos atenção a esta problemática.

2. Contacto e diversidade cultural

O contacto intercultural ou «*encontro de pessoas e de grupos diferentes do ponto de vista cultural, étnico ou linguístico*» (Neto, 2002, 235) e a diversidade cultural, entendida como a coexistência numa mesma sociedade de várias culturas e etnias distintas, são conceitos fundamentais ao estudo que empreendemos. Como menciona Neto (2002), o contacto entre culturas não é uma novidade. Há muito tempo que diferentes culturas estabelecem contactos esporádicos. Na realidade, a interação intercultural, devido a fatores como a distância e as condições ambientais, era rara. Ainda que partilhassem o mesmo espaço geográfico, grupos culturalmente distintos não interagiam devido a forças sociais (tais como: a segregação e a assimilação) que o impediam.

Atualmente, estes contactos intensificam-se. Fatores como as migrações internacionais, o turismo, os meios de comunicação de massas combinam-se e transformam sociedades predominantemente monoculturais em sociedades multiculturais. Contudo, a diversidade de culturas no mesmo espaço geográfico não é sinónimo de compreensão e amizade entre grupos culturalmente distintos, em virtude de ainda existir preconceito, discriminação e conflito entre grupos.

De acordo com Neto (2002, 238) o tipo de contacto intercultural das diversas categorias de pessoas que intervêm nas relações interculturais difere em termos dimensionais. Nestas «*dimensões interculturais*» englobamos situações de contacto entre membros de uma mesma sociedade (intra-sociais) ou entre membros de sociedades diferentes (inter-sociais) e identificamos, na obra de Neto (2002), uma tipologia de fatores que influenciam as relações interculturais, nomeadamente: «*o território em que ocorrem as interações, o tempo passado na interação, o seu objetivo, o tipo de envolvimento, a frequência do contacto e o grau de intimidade entre os*

participantes, o estatuto e poder relativos, o equilíbrio numérico e as características distintivas dos participantes» (pp. 238-239).

Muito embora grande parte da investigação no âmbito da psicologia do contacto intercultural incida sobre as relações interculturais entre membros de diferentes sociedades, as mudanças ocorridas no seio de uma mesma sociedade explicam a necessidade de atendermos também a esta nova realidade.

Importantes conclusões foram retiradas de investigações sobre relações interculturais, nomeadamente aquelas que afirmam *«que os membros de um grupo têm tendência a exagerar e a deformar as suas diferenças com o outro grupo»* (Neto, 2002, 241).

A Teoria da Identidade Social de Tajfel e Turner (1979, como referido por Lechner, 2010, 45) deu provas de que os preconceitos e a discriminação podem resultar de uma simples repartição dos indivíduos em dois grupos, sem que tenha havido uma prévia atitude hostil relativamente ao outro grupo e aos seus membros. Esta situação ocorre, como acrescentou Lechner (2010), porque o autoconceito do indivíduo resulta da sua pertença a um determinado grupo e não ao outro.

As relações intergrupais e a discriminação do exogrupo com a ocorrência do fenómeno de desindividualização são o resultado da competição intergrupar. Lechner (2010) falou em *«luta pelo reconhecimento, pelo poder, integração ou exclusão sociais, racismo e segregação»* (p.31). Importa, entretanto referir que, se por um lado, o contacto intergrupar resulta em mudanças nos grupos (na estrutura e nas normas), por outro, o contacto interpessoal determina reações psicológicas.

Ao nível grupal, Neto (2002) defendeu que *«o problema das relações interculturais só pode ser resolvido quando se reconhece explicitamente não só que os grupos humanos diferem nas suas identidades culturais, mas também que têm direito de manter as suas características identitárias se o pretenderem»* (p. 243), quer isto dizer que o reconhecimento da diferença e do direito à diferença são fundamentais nas relações interculturais pelo que, ao nível individual, o investigador argumentou (idem), com base em estudos precedentes, que a estratégia individual *«mais suscetível de produzir bem-estar e saúde é a integração»* (p.245).

A integração social numa cultura diferente da nossa implica um processo de aculturação ou aquisição de elementos culturais estranhos e simultaneamente a perda

de elementos culturais que nos são familiares. Assim, no próximo capítulo serão consideradas estas situações.

3. As dificuldades na interação intercultural

Neto explicou (2002) que nas interações interculturais ocorrem dificuldades de aculturação individual, ou seja, «*mudanças que um indivíduo experiencia em resultado de estar em contacto com outras culturas e de participar no processo de aculturação por que passa o seu grupo cultural ou étnico*» (p. 246). O mesmo autor esclareceu que estas dificuldades de aculturação podem resultar de um conjunto de fatores, tais como a *desvinculação* da cultura de origem do indivíduo, o *stress de aculturação*, os *estereótipos*, o *viés nas atribuições*, a *ansiedade intergrupala*, o *etnocentrismo* e a *discriminação percebida*, isto é, dos designados fatores comportamentais, afetivos e cognitivos.

Com base no elenco de fatores comportamentais, afetivos e cognitivos apresentados e no recurso aos contributos de Neto (2002), poderemos afirmar que a *desvinculação* está associada a privação, por parte de um indivíduo, de pessoas, bens e estatuto social anteriores ao contacto com a nova cultura. Por este motivo, há um corte com o seu processo de socialização primária. Esta situação não está isenta de conflitos.

Quanto ao fator *stress de aculturação* ou stress originário do processo de aculturação individual, Neto (2002) considerou-o como resultado de um conjunto de fatores, nomeadamente: «*a natureza da sociedade recetora, o tipo de grupo em aculturação, o modo de aculturação experienciado e um certo número de características demográficas, sociais e psicológicas do grupo e das pessoas*» (p. 251). O investigador considerou, portanto, que fatores desfavoráveis poderiam ter uma correlação positiva com o *stress* de aculturação.

Outro fator que dificulta a aculturação são os *estereótipos*. Neto (2002) considerou-os como «*crenças que se associam a grupos sociais*» (p.252) ou «*generalizações acerca dos atributos de categorias de pessoas, como por exemplo, grupos étnicos, sexuais e*

etários» (p. 253). Os estereótipos são mantidos e até desenvolvidos o que tem sido explicado em resultado da tendência que todos experimentamos de considerar «*maior semelhança dentro de exogrupos que dentro de endogrupos*» (p. 253), isto é, a *homogeneidade do exogrupo*. Outras explicações têm sido avançadas para a estabilidade e desenvolvimento de estereótipos nomeadamente: a *correlação ilusória* ou «*viés no processamento da informação*» que sobreavalia a associação entre características e acontecimentos (idem). Este fenómeno é muitas vezes alimentado pelos meios de comunicação social quando, por exemplo, divulgam acontecimentos raros de violência evocando a nacionalidade do agressor. Por último, o fenómeno da *profecia autorrealizada*, quando os indivíduos agem como se uma previsão fosse a realidade, isto é, quando as ações dos membros do endogrupo criam as ações esperadas dos membros do exogrupo.

Uma outra dificuldade de aculturação ocorre com o *viés nas atribuições*. A atribuição é, segundo Neto (2002) «*uma inferência que pretende explicar porque é que um determinado acontecimento ocorreu ou que tenta determinar as disposições de uma pessoa*» (p.254)

Segundo Neto (2002) são consequências do viés nas atribuições: a rotulagem enviesada em que o rótulo enviesado «*descreve o mesmo comportamento de modo favorável para o endogrupo e desfavorável para o exogrupo*» (p. 255), isto é, o mesmo comportamento é interpretado de modo diferente em função da pertença ao grupo; o erro irrevogável da atribuição, o qual sugere que «*quando as pessoas com preconceitos veem o alvo de preconceito a executar uma ação negativa, tendem a atribuí-la a traços estáveis dos membros de um grupo minoritário*» (idem), como se fosse uma condição natural, o que não acontece quando o alvo de preconceito executa uma ação positiva.

Para Stephan (1992, referido por Neto, 2002, 255-256), a *ansiedade intergruppal* acontece «*na antecipação de consequências negativas durante as interações intergrupais e tem consequências comportamentais, cognitivas e afetivas ... geralmente negativas*». Segundo Neto (idem, 256) «*as reações emocionais do sujeito ao sucesso ou ao fracasso são amplificadas numa tarefa de realização quando o parceiro é um membro do exogrupo em oposição a um membro do endogrupo*», portanto, respostas avaliativas exageradas de um membro do endogrupo quando as tarefas eram atribuídas a um membro do exogrupo.

Por sua vez, Cardoso (1996, como citado por Araújo, 2008, 44), considerou o *etnocentrismo* uma «*tendência para julgar/apreciar os valores, atitudes, comportamentos e características de outros grupos culturais tendo como referência características e pontos de vista da cultura do observador*». Neto (2002, 256) acrescentou que a força do etnocentrismo «*pode variar segundo as culturas, o tempo, a situação e as pessoas no seio de uma mesma cultura*».

Segundo Neto (2002) a *discriminação percebida* distinguir-se-ia da discriminação porque, ao contrário desta que se refere «*a acontecimentos que se podem medir objetivamente*», a discriminação percebida faria referência «*a interpretação individual de acontecimentos discriminatórios*» (p. 258)

Apresentadas as razões que explicam as dificuldades na interação intercultural e tendo presente que as atuais sociedades são caracterizadas por grande diversidade cultural, o próximo capítulo será dedicado aos conceitos fundamentais que dão corpo ao estudo prático realizado.

4. Os conceitos: atitudes, estereótipos, preconceitos, discriminação

Destacamos os conceitos de atitude, estereótipo, preconceitos e discriminação por considerarmos cruciais quando analisamos os comportamentos sociais dos indivíduos.

Neste capítulo serão apresentadas algumas de entre muitas definições atribuídas a cada um dos termos pelos diversos investigadores que os estudaram.

Para Gleitman (1999, 562), por exemplo, a atitude seria «*uma posição mental particularmente estável, sustentada relativamente a uma ideia, objeto ou pessoa*» que combina «*crenças, sentimentos, avaliações e uma predisposição para agir em consonância*». Assim, as atitudes seriam julgamentos avaliativos preditores dos comportamentos.

Por sua vez Bardin (2006, 149) considerou a atitude como «*uma pré-disposição, relativamente estável e organizada, para reagir sob forma de opiniões (nível verbal), ou de atos (nível comportamental) em presença de objetos (pessoas, ideias, acontecimentos, coisas, etc.) de maneira determinada.*»

Assim, podemos afirmar que a ocorrência de uma determinada situação conduz, geralmente, a uma atitude esperada, quer ao nível verbal quer ao nível comportamental.

Sobre o conceito de discriminação elegemos as definições de Miranda (1998) e Neto (2002): como o «*tratamento desfavorável relativamente a indivíduos pertencentes a dados grupos*» (1998, 607) ou «*atos intencionais que esboçam distinções injustas ou injuriosas, que assentam unicamente em bases raciais ou étnicas*» (2002, 258).

Quanto ao conceito de estereótipo, Lechner (2010, 41) considerou-o como «*uma opinião rígida e ultra-simplificada acerca de uma pessoa ou de um grupo e que se repete de forma inalterável como um chavão, ou um cliché, uma ideia feita que dispensa qualquer esforço individual de reflexão e de conhecimento verificável.*»

A propósito da rigidez e simplificação da avaliação do objeto estereotipado, Lechner explicou (2010) que estas características são agravadas pelo facto do estereótipo surgir muito cedo, uma vez que seria transmitido na primeira socialização em simultâneo com a aprendizagem da língua materna e aquisição das normas e costumes familiares e dos grupos sociais.

Citando Lechner (2010) diríamos que «*a análise do mecanismo de ultra-simplificação de alguma característica pessoal ou comportamental revela um processo de categorização cognitiva, ou seja, uma rotulagem em dois tempos:*

- *a perceção de uma diferença saliente, por contraste, de uma pessoa ou de um grupo (diferença exagerada);*

- *a assimilação exagerada (no sentido da homogeneização) de todos os membros da mesma categoria (todos no mesmo saco): as mulheres, os reformados, os pretos, os judeus, os ciganos, etc.»* (p. 44)

Assim, por este processo de homogeneização por assimilação, a categoria do grupo «Eles» seriam todos iguais, enquanto do grupo «Eu» ou «Nós» seriam todos diferentes. Para a Lechner (2010), esta categorização faria a ligação entre os estereótipos e os preconceitos acerca dos membros de outros grupos e iria interferir no comportamento intergrupalo.

Os preconceitos que resultam do processo de categorização podem levar à discriminação como foi defendido por diversos investigadores.

Relativamente ao comportamento intergrupar Deschamps, J.-C., (2003) afirmou que a compreensão das relações intergrupais deveria ter em consideração o contexto e não apenas o conhecimento dos processos psicológicos individuais e gerais e defendeu a ideia de que o facto de existir cruzamento de categorias de pertença a diferentes grupos sociais, leva à diminuição da diferenciação e da discriminação. Esta discriminação estaria presente apenas em ambientes sociais dicotomizados.

As definições apresentadas dão-nos pistas sobre o comportamento intergrupar e levam-nos a procurar formas de reduzir os preconceitos e a discriminação.

Estes conceitos serão agora operacionalizados com a investigação que realizamos.

CAPÍTULO III - ESTUDO EMPÍRICO

1. O contexto e o objeto de investigação

Pretendemos desenvolver a investigação sobre a dinâmica das relações sociais entre jovens de diferentes origens nacionais em contexto escolar, tendo como objeto de estudo um agrupamento de estudantes do ensino secundário diurno da Escola Secundária de Carvalhos.

Dedicaremos a próxima exposição à caracterização desta instituição de ensino e do universo estudantil servido por ela, em especial a parcela de jovens selecionados para a pesquisa que delineamos.

1.1. A caracterização da Escola

A Escola Secundária de Carvalhos está situada na freguesia de Pedroso, em Vila Nova de Gaia e pertence à rede escolar de ensino público daquela freguesia.

A sua localização na zona litoral e na proximidade de eixos rodoviários de maior importância na região Norte, como a N1 (Estrada Nacional nº1), a A1 (Autoestrada nº1), o IP1 (Itinerário Principal nº1), o IC1 (Itinerário Complementar nº1) e o IC2, permite o fácil acesso de estudantes de freguesias próximas e mais distanciadas da instituição, bem como a migração pendular do pessoal que nesta instituição trabalha.

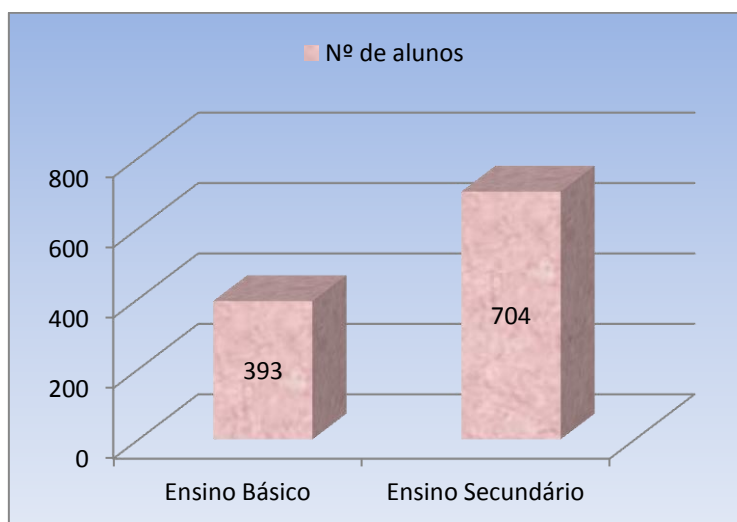
A escola foi criada em 1975 por decreto-lei, Decreto-Lei nº260-B/75 de 26 de Maio, publicado no Diário da República nº 121-1ª Série e, desde a sua fundação, conheceu duas edificações: a antiga, em blocos pré-fabricados e a atual (com início em 2002), de construção tradicional de pilar e viga.

A oferta educativa abrange o ensino básico (terceiro ciclo e curso de educação e formação) e o ensino secundário (cursos científico-humanísticos, cursos profissionais e cursos de educação e formação de adultos) quer diurno, quer noturno.

1.2. A caracterização da população estudantil

Durante o ano letivo 2010/2011, os dados recolhidos junto dos serviços administrativos da escola selecionada (representados no gráfico 1) apontam para um universo de 1097 estudantes distribuídos pelos níveis de ensino básico, 393 estudantes (35,8%), e secundário, 704 (64,2%) dos quais 616 indivíduos (56,2%) frequentam os cursos científico-humanísticos e profissionais diurnos. Destes últimos 616 jovens, identificamos 15 (1% do total de estudantes) com uma origem nacional diferente da portuguesa.

Gráfico 1 – Número de alunos matriculados na escola



A propósito da dimensão da população natural de outros países a estudar nesta instituição é importante esclarecer que o registo de dados do Relatório de 2009 do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) indica o concelho de Vila Nova de Gaia (constituído por 24 freguesias) como o segundo na lista dos concelhos do distrito do Porto com maior número de residentes estrangeiros (5221 indivíduos) no total de 28107. No entanto, apesar de este distrito ser, a nível nacional, o quarto maior em número de estrangeiros, em termos percentuais e com base no documento anteriormente referido, atinge apenas os 6% do total nacional, dos quais 1% correspondem ao concelho de Vila Nova de Gaia, facto que poderá justificar a reduzida expressão, em números, dos estudantes estrangeiros na instituição escolar em estudo.

Acresce ainda que, em território nacional e segundo o mesmo relatório, o grupo etário da população estrangeira até aos 20 anos é o segundo menos numeroso com 76412 indivíduos (aproximadamente 16,85% do total). Por outro lado, a emigração de 2ª geração é uma vertente da análise não desprezível na caracterização da população estudantil de origem estrangeira, como adiante desenvolveremos.

No próximo capítulo, faremos uma breve descrição da população estudantil matriculada no ensino secundário, cursos científico-humanísticos e profissionais diurnos, considerada como referência para a nossa investigação, razão pela qual apresentaremos uma prévia justificação da escolha.

1.3. A caracterização do objeto de investigação em particular

Escolhemos os 616 estudantes do ensino secundário diurno com base na conjugação dos seguintes argumentos gerais e específicos:

- O facto da Escola, como uma das principais instituições sociais, contribuir, pelas funções que desempenha no tecido social, para a mudança de atitudes do seu público;
- O condicionamento temporal na apresentação de resultados da investigação em consequência do «*encurtamento do ciclo de vida do saber*» (Carmo e Ferreira, 2008, 43) e da situação laboral em que se encontra a investigadora;
- A oportunidade de, no seu local de trabalho, conhecer as opiniões dos jovens, diagnosticar problemas e encontrar soluções ou contribuir para uma reflexão crítica sobre possíveis situações de falta de diálogo e de respeito pelas diferenças culturais em contexto escolar;
- O facto daquele agrupamento de estudantes constituir, em termos relativos e no quadro das possíveis opções, o mais representativo do total, com um valor percentual de aproximadamente 56,2%, como anteriormente referimos;
- A circunstância de, enquanto jovens socialmente influenciados, se encontrarem ainda numa fase de transição para a inserção no mundo do trabalho (no caso da frequência nos cursos profissionais) ou para o prosseguimento de estudos de nível

superior (no caso da frequência nos cursos científico-humanísticos) que os distancia da experiência pessoal de competição por postos de trabalho cada vez mais escassos (o que se verifica com os estudantes adultos) mas não tanto como seria de esperar ao incluir os adolescentes do ensino básico.

Assim, identificamos no universo considerado, os indicadores sociais que o quadro 1 documenta (em função do ano de escolaridade, da idade e do sexo dos jovens).

Quadro 1 – População total (estudantes do ensino secundário diurno)

		10º Ano			11º Ano			12º Ano			Totais		
		Género		Total	Género		Total	Género		Total	Género		Total
		F	M		F	M		F	M		F	M	
Idade	14-15	93	55	148	15	5	20	-	-	-	108	60	168
	16-17	33	49	82	74	48	122	74	33	107	181	130	311
	18-19	4	8	12	18	17	35	41	32	73	63	57	120
	20-21	1	1	2	4	-	4	4	6	10	9	7	16
	22-23	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-
Totais		131	113	244	111	70	181	120	71	191	362	254	616

Através da observação do documento anterior podemos admitir que dos 616 estudantes do universo considerado, 244 frequentam o 10º ano de escolaridade, 181 estão no 11º ano e 191 no 12º ano. Neste conjunto, a população estudantil feminina assume o valor de 362 indivíduos (58,8% do total) com 131 raparigas no 10º ano, 111 no 11º ano e 120 no 12º ano. Os rapazes, em menor número, 254 jovens (41,2% do total), estão repartidos pelos três anos de escolaridade do seguinte modo: 113 no 10º ano, 70 no 11º ano e 71 no 12º ano.

Relativamente aos grupos etários de jovens, identificamos cinco: o grupo de 168 estudantes com 14 e 15 anos, os 311 jovens com 16 e 17 anos, os 120 indivíduos com 18 e 19 anos e dois grupos residuais, o dos 20 aos 21 anos com 16 estudantes e o dos 22 aos 23 anos com apenas um representante.

Concluída a breve caracterização do contexto de análise e do nosso objeto de estudo, seguir-se-á a fase da apresentação da metodologia adotada em que procuramos desvendar o caminho traçado até à obtenção dos resultados.

2. A metodologia

Com base no significado de metodologia, segundo Madureira Pinto e Santos Silva (2007, 9), entendida como “trabalho permanente de análise crítica dos métodos de pesquisa – quer dizer, dos processos e problemas da investigação empírica”, foi desenvolvido um estudo descritivo exploratório segundo as perspetivas quantitativa e qualitativa.

2.1. Objetivos e questões da investigação

A nossa pesquisa teve como objetivo geral perceber como um grupo de jovens de nacionalidade estrangeira se integra na escola e o comportamento dos jovens estudantes portugueses face aquele grupo.

Para melhor esclarecer este objetivo consideramos os seguintes objetivos específicos da investigação:

- Relacionar as atitudes e opiniões dos jovens estudantes portugueses face a outros grupos nacionais de uma escola local;
- Avaliar os estereótipos e preconceitos presentes numa amostra selecionada de estudantes de diferentes nacionalidades.
- Relacionar a integração social dos jovens de origem estrangeira com a proximidade cultural à sociedade portuguesa e a importância de redes sociais de pertença.

A definição dos objetivos acima descritos, a revisão de literatura levada a efeito e a experiência profissional no contexto em que desenvolvemos a investigação foram os fundamentos para a formulação das seguintes questões as quais procuramos dar resposta:

Q1: Será que os estereótipos e preconceitos dos jovens portugueses (endogrupo) se diferenciam relativamente aos dos outros grupos de jovens estudantes (exogrupo)?

Q2: O contacto entre estudantes de diferentes origens nacionais tem contribuído para transformar estereótipos e atenuar preconceitos socialmente transmitidos?

Q3: A diferenciação nos julgamentos do endogrupo relativamente aos outros grupos dependerá das origens nacionais dos seus pares?

Q4: A integração dos jovens do exogrupo dependerá da maior proximidade cultural à sociedade de acolhimento?

Face a impossibilidade de inquirir todos os 616 indivíduos da população, por razões expostas anteriormente, selecionamos uma amostra ou, como explicaram Martins e Cerveira (1999), o “subconjunto da população, que se observa com o objetivo de tirar conclusões para a população de onde foi recolhida” (p. 14).

2.2. A amostra

A obra de Carmo e Ferreira (2008) orientou a nossa opção pela técnica de amostragem não probabilística por conveniência em virtude de os indivíduos terem sido selecionados com base em “critérios de escolha intencional” e para “um grupo de voluntários” (p. 215).

Quanto à dimensão da amostra consideramos dois grupos de indivíduos ou, como preferimos dizer, duas amostras cujos resultados serão comparados. Uma das amostras corresponde a totalidade dos jovens de origem estrangeira (15 indivíduos) a frequentar o ensino secundário diurno, razão pela qual poderemos utilizar o conceito de população de origem estrangeira (representada no quadro 2).

Quadro 2 – População de origem estrangeira (estudantes do ensino secundário diurno)

		10º Ano			11º Ano			12º Ano			Totais		
		Género		Total	Género		Total	Género		Total	Género		Total
		F	M		F	M		F	M		F	M	
Idade	14-15	1	4	5	-	-	-	-	-	-	1	4	5
	16-17	-	1	1	1	1	2	3	-	3	4	2	6
	18-19	-	-	-	-	1	1	-	3	3	-	4	4
	20-21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	22-23	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Totais		1	5	6	1	2	3	3	3	6	5	10	15

A observação do quadro 2 permite concluir que dos 15 estudantes de origem estrangeira, 5 são raparigas, 3 das quais frequentam o 12º ano e as outras duas o 11º e o 10º ano; os 10 rapazes estão distribuídos do seguinte modo: 5 frequentam o 10º ano, 2 o 11º e 3 o 12º ano. Considerando os grupos etários, 5 estudantes têm entre 14 e 15 anos, 6 têm entre 16 e 17 anos e os 4 restantes têm entre 18 e 19 anos.

A amostra de jovens de origem nacional completa o conjunto de indivíduos a inquirir.

Na extração de um subconjunto da população estudantil portuguesa procuramos garantir a representatividade da amostra. Fixamos o valor de aproximadamente 15% do total de modo a obter uma dimensão amostral aceitável e que representamos no quadro 3.

Quadro 3 – Amostra de origem portuguesa (estudantes do ensino secundário diurno)

		10º Ano			11º Ano			12º Ano			Totais		
		Género		Total	Género		Total	Género		Total	Género		Total
		F	M		F	M		F	M		F	M	
Idade	14-15	14	8	22	2	1	3	-	-	-	16	9	25
	16-17	5	7	12	11	7	18	11	5	16	27	19	46
	18-19	1	1	2	3	2	5	6	4	10	10	7	17
	20-21	-	-	-	1	-	1	1	1	2	2	1	3
	22-23	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Totais		20	16	36	17	10	27	18	10	28	55	36	91

A distribuição dos elementos da amostra é, para a variável género, a seguinte: 55 são raparigas e 36 rapazes.

Segundo a variável idade os jovens estão distribuídos em quatro escalões. As raparigas com 14 e 15 anos são 16 e 9 é o número de rapazes com a mesma idade. Há 27 raparigas no grupo etário dos 16 aos 17 anos e 19 rapazes. No grupo dos estudantes com 18 e 19 anos, frequentam a escola 10 raparigas e 7 rapazes. Por fim, há 2 raparigas no grupo dos 20 aos 21 anos e 1 rapaz.

Relativamente à variável ano de escolaridade dos estudantes, são 36 o número de jovens a frequentar o 10º ano (20 raparigas e 16 rapazes), 27 estudantes estão no 11º ano (17 raparigas e 10 rapazes) e 28 estudantes estão no 12º ano (18 raparigas e 10 rapazes).

À breve caracterização da amostra segue um esclarecimento sobre a técnica de recolha de dados.

2.3. A técnica de recolha de dados

Como afirmou Lechner (2010) os estereótipos são “opiniões, que só podemos conhecer mediante entrevistas ou inquéritos pois seu único suporte material é o próprio sujeito que opina” (p. 48). Quer isto dizer que a técnica de recolha dos dados melhor adaptada aos objetivos da investigação, é o inquérito. Assim optamos pelo inquérito por questionário que aplicamos aos 106 jovens de diferentes origens. Esta decisão comporta obviamente riscos inerentes ao tipo de interação indireta que caracteriza a técnica selecionada pelo que, procuramos superá-los.

2.4. Instrumento de recolha de dados

Construímos dois formulários de inquéritos por questionário (Anexos I e II): um, destinado ao conjunto de estudantes de origem portuguesa e o outro, para os jovens de origem estrangeira. Os formulários aplicados aos inquiridos resultaram da adaptação dos instrumentos de recolha de dados apresentados na tese de mestrado de Miranda (1994, 108-113).

Os dois documentos construídos possuem uma estrutura semelhante embora as questões sejam em número e em conteúdo diferentes. Englobam três grupos de perguntas:

No primeiro grupo de questões fechadas, pretendemos recolher informações que permitam a caracterização individual e social do inquirido. Para o conjunto dos jovens oriundos de outros países, as variáveis independentes consideradas foram: sexo, idade, ano de escolaridade, naturalidade, nacionalidade, tempo de permanência em

Portugal, duração da frequência escolar no país de origem, ter ligações com Portugal (medida pela existência de familiares e amigos portugueses), redes sociais de apoio (medida pela existência de familiares em Portugal), domínio da língua portuguesa e habilitações académicas do encarregado de educação. No inquérito destinado aos portugueses de origem são, obviamente, excluídas as questões sobre a naturalidade, nacionalidade e o domínio da língua portuguesa; no entanto, adicionamos a avaliação da situação económica do inquirido (medida pela existência ou não de apoio do Serviço de Ação Escolar), o contacto com outras culturas e as ligações com estrangeiros ou familiares a viver no estrangeiro.

No segundo grupo de questões pretendemos caracterizar a interação social em contexto escolar, através da medição das atitudes dos jovens relativamente ao exogrupo e identificação de estereótipos, com o recurso a um conjunto de afirmações sobre as quais aqueles se devem pronunciar, acompanhadas por uma escala de tipo verbal (onde incluímos as seguintes categorias: Discordo totalmente, Discordo, Não sei/não tenho opinião, Concordo, Concordo totalmente) – escala de Likert ou escala de adição. Deste modo, a resposta do inquirido permitirá localizá-lo em termos de atitude favorável ou desfavorável relativamente ao exogrupo.

Contudo, associamos a cada um dos itens uma questão aberta que possa conferir maior liberdade de resposta ao inquirido e esclarecimentos sobre a opção escolhida. No terceiro grupo em que pretendemos associar adjetivos às nacionalidades com representação na escola, os estudantes indicam adjetivos que caracterizam, no seu entender, os jovens com origem na Alemanha, Angola, Brasil, França, Portugal, Suíça, Ucrânia e Venezuela e atribuem um sentido positivo ou negativo ao adjetivo escolhido. Pretendemos, deste modo, identificar regularidades na representação social das nacionalidades.

2.5. Procedimentos

Partimos de questões às quais gostaríamos de dar resposta com base na temática das relações interpessoais e interculturais, em especial, as que se desenvolvem na Escola onde a investigadora exerce a sua atividade profissional. Neste local privilegiado de contacto entre culturas, procuramos observar comportamentos e atitudes de

jovens estudantes reveladores de preconceitos e estereótipos. Construímos um quadro teórico com o recurso à pesquisa documental.

À construção teórica seguiu-se a fase de operacionalização.

Foi feito o pedido de autorização as entidades competentes para a aplicação do inquérito e nos serviços administrativos da escola foram obtidos dados gerais e relativos à população de origem estrangeira.

Os formulários dos inquéritos foram redigidos. Seguiu-se a aplicação da primeira versão do questionário a um conjunto de jovens não seleccionados para a amostra, no sentido de verificar a aplicabilidade e a adequação aos objetivos pré-definidos.

Os jovens de origem estrangeira foram individualmente contactados para obter junto dos seus respetivos encarregados de educação a autorização da aplicação do inquérito. Todos responderam afirmativamente.

Para os jovens de origem portuguesa foram contactados os 29 delegados das turmas do ensino secundário diurno sendo-lhes dadas instruções de modo a obter junto dos seus colegas e deles próprios a participação voluntária na investigação. No prazo de uma semana deveriam ser devolvidos os documentos.

A aplicação do inquérito por questionário foi realizada durante os meses de Janeiro e Fevereiro. Inicialmente, aos jovens de origem estrangeira e posteriormente, aos restantes.

Por fim foi feito tratamento dos dados recolhidos.

2.6. Análise de dados

A análise dos dados teve por base a análise estatística e a análise de conteúdo.

O tratamento estatístico das respostas às questões fechadas do primeiro e segundo grupo é feito com o recurso ao programa informático PASW Statistics (*Predictive Analytics SoftWare*) versão 18.

Para a apresentação dos resultados foi também utilizado o programa Microsoft Office Excel 2007.

Com a introdução das variáveis qualitativas foi necessário estabelecer uma codificação dos dados de modo a permitir a interpretação da pontuação da escala de tipo *rating scales* em que as perguntas foram formuladas.

O recurso à análise de conteúdo permitiu o tratamento das questões abertas do inquérito por questionário.

Bardin (2006) considerou a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p. 33). Através de exemplos, defendeu a necessidade de alterar esta definição, dada a especificidade deste método. Assim, mais do que a descrição dos conteúdos das mensagens importariam os ensinamentos a retirar destes conteúdos após o seu tratamento (por classificação, por exemplo), isto é, os saberes deduzidos dos conteúdos e que poderiam ser de natureza diversa, nomeadamente, psicológica, sociológica, histórica ou económica. Portanto, é necessário evidenciar a finalidade (implícita ou explícita) da análise de conteúdo.

Para Dortier (2006), a análise de conteúdo consistia em “detetar a frequência de aparecimento de certos temas, de certas palavras ou de certas ideias no seio de um corpus de textos” (p. 89).

Assim, procuraremos combinar as informações dos investigadores referidos anteriormente para a construção dos quadros classificativos dos adjetivos indicados pelos jovens.

3. Apresentação de resultados

3.1 Os resultados do inquérito por questionário

Da análise comparativa das respostas ao grupo I de variáveis independentes obtivemos a seguinte informação:

Quadro 4A – Pergunta 1. Género (outras origens nacionais)

	Frequência	%	% Acumulada
Feminino	5	33,3	33,3
Masculino	10	66,7	100,0
Total	15	100,0	

Quadro 4B – Pergunta 1. Género (origem portuguesa)

	Frequência	%	% Acumulada
Feminino	55	60,4	60,4
Masculino	36	39,6	100,0
Total	91	100,0	

Relativamente ao género, ao contrário da amostra dos jovens portugueses que segue a tendência da população total, há uma representação fortemente acentuada de rapazes na amostra dos jovens de outras origens nacionais, 66,7%.

Quadro 5A – Pergunta 2. Idade (outras origens nacionais)

	Frequência	%	% Acumulada
14-15 anos	5	33,3	33,3
16-17 anos	6	40,0	73,3
18-19 anos	4	26,7	100,0
Total	15	100,0	

Quadro 5B – Pergunta 2. Idade (origem portuguesa)

	Frequência	%	% Acumulada
14-15 anos	25	27,5	27,5
16-17 anos	46	50,5	78,0
18-19 anos	17	18,7	96,7
20-21 anos	3	3,3	100,0
Total	91	100,0	

Quanto à variável idade, em ambos os conjuntos de indivíduos é relativamente mais significativo (40% para os jovens de outras origens e 50,5% para os jovens de origem portuguesa) o número de jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos.

Quadro 6A – Pergunta 3. Ano de escolaridade (outras origens nacionais)

	Frequência	%	% Acumulada
10º ano	6	40,0	40,0
11º ano	3	20,0	60,0
12º ano	6	40,0	100,0
Total	15	100,0	

Quadro 6B – Pergunta 3. Ano de escolaridade (origem portuguesa)

	Frequência	%	% Acumulada
10º ano	36	39,6	39,6
11º ano	27	29,7	69,2
12º ano	28	30,8	100,0
Total	91	100,0	

No que respeita a variável ano de escolaridade, em ambos os grupos de jovens considerados na amostra, o 10º ano de escolaridade tem maior representação na escola. Em termos globais, o número de alunos inscritos no 10º e no 11º ano é igual ou superior a 60%.

Deixamos, temporariamente, a comparação entre as duas amostras e passamos a representar nos quadros 7, 8, 9, 10, 11, 12 apenas os resultados específicos da amostra dos jovens de origem estrangeira.

Quadro 7 – Pergunta 4. Naturalidade (outras origens nacionais)

	Frequência	%	% Acumulada
Alemã	1	6,7	6,7
Angolana	1	6,7	13,3
Brasileira	3	20,0	33,3
Francesa	4	26,7	60,0
Suíça	2	13,3	73,3
Ucraniana	2	13,3	86,7
Venezuelana	2	13,3	100,0
Total	15	100,0	

Quadro 8 – Pergunta 5. Nacionalidade (outras origens nacionais)

	Frequência	%	% Acumulada
Brasileira	3	20,0	20,0
Ucraniana	2	13,3	33,3
Venezuelana	2	13,3	46,7
Portuguesa (oriundos de Suíça, Alemanha e França)	6	40,0	86,7
Dupla (oriundos de Angola e Suíça)	2	13,3	100,0
Total	15	100,0	

A comparação dos dois quadros anteriores levam-nos a afirmar que os jovens com maior representação na escola pertencem ao grupo dos franceses (4 indivíduos). Deste último grupo, todos têm a nacionalidade portuguesa, bem como o aluno nascido na Alemanha e um dos jovens suíços. O outro estudante suíço tem dupla nacionalidade assim como o jovem nascido em Angola.

O facto de 53,3% dos inquiridos possuir a nacionalidade portuguesa ou a dupla nacionalidade conjugado com os países de onde são oriundos permitem-nos evidenciar que o peso da emigração de segunda geração assume importância significativa no conjunto desta amostra.

Quadro 9 – Pergunta 6. Tempo de permanência em Portugal (outras origens nacionais)

	Frequência	%	% Acumulada
Inferior a 1 ano	1	6,7	6,7
De 1 a 5 anos	9	60,0	66,7
Superior a 5 anos	5	33,3	100,0
Total	15	100,0	

Quadro 10 – Pergunta 7. Frequência escolar no país de origem

	Frequência	%	% Acumulada
Não	5	33,3	33,3
Sim	10	66,7	100,0
Total	15	100,0	

Foram 66,7% dos inquiridos, isto é, 10 estudantes, que afirmaram ter frequentado a escola no seu país de origem (quadro 10). Esta informação tem, evidentemente, relação com o facto de também 66,7% dos jovens residirem em Portugal há 5 anos ou menos (quadro 9), pelo que a fixação destes indivíduos em território nacional é ainda recente.

Quadro 11 – Pergunta 8, 9 e 10

	Pergunta 8. Familiars portugueses			Pergunta 9. Amigos portugueses			Pergunta 10. Familiars em Portugal		
	Freq.	%	% Acumulada	Freq.	%	% Acumulada	Freq.	%	% Acumulada
Sim	10	66.7	66.7	15	100	100	15	100	100
Não	5	33.3	100	0			0		
Total	15	100		15	100		15	100	

Quadro 12 – Pergunta 11. Domínio da língua portuguesa

	Frequência	%	% Acumulada
Sim	13	86,7	86,7
Não	2	13,3	100,0
Total	15	100,0	

A conjugação das informações dos quadros 11 e 12 permitem supor que a integração dos jovens tem sido bem conseguida, na medida em que a totalidade afirma ter amigos portugueses e dominar a língua portuguesa (exceto um jovem brasileiro com tempo de permanência em Portugal inferior a um ano e um jovem venezuelano com onze anos de frequência escolar no seu país de origem). Um terço dos jovens (5 indivíduos) não tem familiares portugueses embora vivam em Portugal com uma rede social de apoio de familiares.

De seguida voltamos a comparar as duas amostras de jovens no que se refere as habilitações académicas dos seus encarregados de educação.

Quadro 13A – Pergunta 12. Habilitações Académicas do Encarregado de Educação (outras origens nacionais)

	Frequência	%	% Acumulada
Nível básico	4	26,7	26,7
Nível médio	2	13,3	40,0
Nível superior	9	60,0	100,0
Total	15	100,0	

Quadro 13B – Pergunta 8. Habilitações Académicas do Encarregado de Educação (origem portuguesa)

	Frequência	%	% Acumulada
1º ciclo ou menos	17	18,7	18,7
2º ciclo	30	33,0	51,6
3º ciclo	24	26,4	78,0
secundário	17	18,7	96,7
superior	3	3,3	100,0
Total	91	100,0	

Por comparação dos dados dos quadros verificamos que, no caso dos jovens portugueses, mais de 50% dos encarregados de educação têm o nível considerado básico de habilitações académicas em oposição a elevada percentagem de encarregados de educação com o nível superior (60% dos casos), no conjunto dos jovens de outras origens nacionais.

Terminamos a análise do primeiro grupo de questões do inquérito com a comparação dos quadros 14, 15 e 16 para o grupo de jovens de origem nacional.

Quadro 14 – Pergunta 5. Experiência de migração externa

	Frequência	%	% Acumulada
Nenhuma	31	34,1	34,1
Como visitante	60	65,9	100,0
Total	91	100,0	

Quadro 15 – Pergunta 6. Vínculo com estrangeiros (amigos ou familiares)

	Frequência	%	% Acumulada
Não	40	44,0	44,0
Sim	51	56,0	100,0
Total	91	100,0	

Quadro 16 – Pergunta 7. Familiares no estrangeiro (origem portuguesa)

	Frequência	%	% Acumulada
Não	30	33,0	33,0
Sim	61	67,0	100,0
Total	91	100,0	

Tendo em conta os três quadros anteriores é possível afirmar o seguinte: a maior parte dos jovens tem experiência de vida no estrangeiro verificando-se, contudo, uma parte de inquiridos (34,1%) que afirmam o contrário.

É ainda mais significativa a percentagem de inquiridos sem nenhum vínculo com estrangeiros (44% da amostra).

Um dado que poderá ser relevante para a compreensão das variáveis do II grupo do questionário é o facto de 67% da amostra de jovens nacionais afirmar ter familiares a viver no estrangeiro.

No II grupo de variáveis caracterizadoras da interação social em contexto escolar os dados para a amostra dos **jovens de origem estrangeira** são os seguintes:

Quadro 17 – Pergunta 1. Na escola, as dificuldades em falar a língua portuguesa impedem o convívio com os jovens portugueses.

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	2	13,3	13,3
Discordo	5	33,3	46,7
Não sei/Não tenho opinião	2	13,3	60,0
Concordo	4	26,7	86,7
Concordo totalmente	2	13,3	100,0
Total	15	100,0	

Há, por parte dos inquiridos, maior discordância com a frase (46,7% dos casos apresentam total ou parcial discordância). A justificação que os indivíduos apresentam é a de que as formas de resolver as dificuldades de comunicação podem ser outras nomeadamente, o recurso à língua inglesa, a predisposição para aceitar os outros ou ainda com outros meios de conviver (não especificados). Não deixa de ser significativa a percentagem de respostas concordantes, total ou parcialmente, com a afirmação (40% dos casos). Se conjugarmos esta informação com a que obtivemos sobre o domínio da língua portuguesa por parte desta amostra (quadro 12) podemos admitir que os inquiridos têm feito um esforço de integração que incluiu a aprendizagem da língua portuguesa.

Quadro 18 – Pergunta 2. Para participar ativamente nas atividades da escola é preciso aceitar e adotar, dentro e fora da sala de aula, os comportamentos e hábitos dos jovens portugueses

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	2	13,3	13,3
Discordo	6	40,0	53,3
Não sei/Não tenho opinião	1	6,7	60,0
Concordo	4	26,7	86,7
Concordo totalmente	2	13,3	100,0
Total	15	100,0	

São as opiniões, total ou parcialmente, desfavoráveis à afirmação que prevalecem (53,3% dos casos) e permitem compreender, com base nas justificações apresentadas pelos inquiridos, que a integração dos jovens não pode por em causa os valores, costumes, hábitos que fazem parte da sua cultura de origem. No entanto, alguns jovens reconhecem que a semelhança dos hábitos facilita ou acelera a integração.

Quadro 19 – Pergunta 3. Gostaria de pertencer a uma turma só com alunos de outros países

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	3	20,0	20,0
Discordo	4	26,7	46,7
Não sei/Não tenho opinião	4	26,7	73,3
Concordo	4	26,7	100,0
Total	15	100,0	

O quadro 19 revela uma opinião tendencialmente discordante da possibilidade de constituir turmas de alunos estrangeiros (46,7% dos inquiridos discordam total ou parcialmente da afirmação). Contudo, para alguns (26,7%) é uma oportunidade de conhecer outras pessoas (como explicou um dos estudantes: como se fosse o mundo inteiro dentro de uma sala) enquanto para outros, a integração não se realiza deste modo.

Quadro 20 – Pergunta 4. Gostaria de representar a turma e os alunos da escola no Conselho Pedagógico ou no Conselho Geral

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	1	6,7	6,7
Discordo	6	40,0	46,7
Não sei/Não tenho opinião	5	33,3	80,0
Concordo	1	6,7	86,7
Concordo totalmente	2	13,3	100,0
Total	15	100,0	

Os jovens inquiridos não estão maioritariamente interessados em participar como representantes dos estudantes. Apenas 20% dos inquiridos concordam em liderar a

turma e/ou pertencer a órgãos representativos. Curiosamente um dos delegados de turma pertence a esta amostra de estudantes.

Quadro 21 – Pergunta 5. Manter boas relações com os colegas é mais importante do que ser bom aluno

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo	9	60,0	60,0
Não sei/Não tenho opinião	3	20,0	80,0
Concordo	3	20,0	100,0
Total	15	100,0	

Para 60% destes jovens, manter boas relações com os colegas não é mais importante do que ser bom aluno. A maioria dos inquiridos que justificou a opção escolhida considerou ambos os aspetos importantes ou essenciais.

Os quadros seguintes são também elucidativos das opiniões favoráveis dos jovens no que se refere ao contacto intercultural.

Quadro 22 – Pergunta 6. É preferível estudar individualmente do que estudar em grupo

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	3	20,0	20,0
Discordo	5	33,3	53,3
Não sei/Não tenho opinião	3	20,0	73,3
Concordo	2	13,3	86,7
Concordo totalmente	2	13,3	100,0
Total	15	100,0	

Atendendo a que os jovens de origem estrangeira representam aproximadamente 14% (15/106) do total dos inquiridos e que se encontram relativamente dispersos pelas diferentes turmas da escola, a percentagem de 53,3% de respostas total ou parcialmente discordantes com a afirmação, pode significar que a preferência dos jovens pelo estudo em grupo supera as questões da nacionalidade.

Quadro 23 – Pergunta 7. Os jovens portugueses são muito diferentes dos jovens do meu país de origem

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	1	6,7	6,7
Discordo	1	6,7	13,3
Não sei/Não tenho opinião	4	26,7	40,0
Concordo	7	46,7	86,7
Concordo totalmente	2	13,3	100,0
Total	15	100,0	

Há reconhecimento de uma identidade portuguesa na medida em que 60% dos jovens desta amostra concordam com a opinião da existência de diferenças entre os jovens portugueses e os jovens dos seus países de origem. Os hábitos e os costumes foram as diferenças apontadas pelos inquiridos que justificaram as respostas dadas.

Quadro 24 – Pergunta 8. É melhor ter boas relações com colegas do mesmo país de origem do que ter relações de amizade com os jovens portugueses

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	3	20,0	20,0
Discordo	9	60,0	80,0
Não sei/Não tenho opinião	1	6,7	86,7
Concordo	2	13,3	100,0
Total	15	100,0	

A afirmação é rejeitada por 80% da amostra de estudantes de origem estrangeira. Tal facto pode significar que o grupo dos não nacionais está aberto a integração na comunidade que os acolheu.

Quadro 25 – Pergunta 9. Os colegas portugueses gostam de ajudar os jovens estrangeiros com dificuldades

	Frequência	%	% Acumulada
Não sei/Não tenho opinião	5	33,3	33,3
Concordo	10	66,7	100,0
Total	15	100,0	

Nesta questão os inquiridos têm, em geral, opinião favorável dos colegas portugueses (66,7% dos casos). Os jovens que justificaram a resposta revelaram a participação positiva dos jovens portugueses no seu processo de integração.

Relativamente a amostra dos **jovens de origem nacional** o tratamento dos dados permite-nos chegar aos seguintes resultados:

Quadro 26 – Pergunta 1. Na escola os estudantes de nacionalidade estrangeira isolam-se e não têm amigos portugueses

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	28	30,8	30,8
Discordo	50	54,9	85,7
Não sei/ Não tenho opinião	10	11,0	96,7
Concordo	3	3,3	100,0
Total	91	100,0	

A maioria (85,7%) dos jovens de origem nacional discorda total ou parcialmente da frase que afirma haver isolamento e falta de integração dos jovens de origem estrangeira.

Quadro 27 – Pergunta 2. Os jovens estudantes estrangeiros têm características físicas que os distinguem e afastam dos estudantes portugueses

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	27	29,7	29,7
Discordo	43	47,3	76,9
Não sei/ Não tenho opinião	10	11,0	87,9
Concordo	10	11,0	98,9
Concordo totalmente	1	1,1	100,0
Total	91	100,0	

É no sentido da discordância (total ou parcial) com a afirmação que os jovens nacionais maioritariamente se manifestam (76,9%). No entanto, as opiniões concordantes com a existência de traços físicos distintivos entre portugueses e estrangeiros correspondem já a 12,1% do total das respostas obtidas.

Quadro 28 – Pergunta 3. Os estudantes estrangeiros têm características de comportamento que os distinguem e afastam dos estudantes portugueses

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	23	25,3	25,3
Discordo	36	39,6	64,8
Não sei/ Não tenho opinião	19	20,9	85,7
Concordo	12	13,2	98,9
Concordo totalmente	1	1,1	100,0
Total	91	100,0	

Quanto às características comportamentais dos jovens de outras nacionalidades (quadro 28), o peso das respostas discordantes com a afirmação desce, comparativamente aos resultados obtidos na questão 2 (quadro 27), para 64,8% dos casos. Em contrapartida, o peso das respostas concordantes (total ou parcialmente) é agora superior, representando 14,3% dos casos.

Quadro 29 – Pergunta 4. Para participarem ativamente nas atividades escolares, os colegas estrangeiros devem dominar a língua portuguesa e adotar os hábitos dos jovens portugueses

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	14	15,4	15,4
Discordo	29	31,9	47,3
Não sei/ Não tenho opinião	17	18,7	65,9
Concordo	26	28,6	94,5
Concordo totalmente	5	5,5	100,0
Total	91	100,0	

As opiniões parecem muito divididas apesar da tendência para discordar da afirmação (47,3%) ser superior a tendência para concordar (34,1%). Esta circunstância pode derivar do facto de o domínio da língua portuguesa ser considerado fundamental para a integração na sociedade de acolhimento.

Quadro 30 – Pergunta 5. Os estudantes estrangeiros deveriam pertencer todos a mesma turma

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	48	52,7	52,7
Discordo	28	30,8	83,5
Não sei/ Não tenho opinião	7	7,7	91,2
Concordo	7	7,7	98,9
Concordo totalmente	1	1,1	100,0
Total	91	100,0	

Quanto a questão que defende a existência de turmas específicas para jovens estrangeiros, 83,5% dos inquiridos responderam de forma desfavorável, considerando um fator de isolamento para os jovens estrangeiros.

Quadro 31 – Pergunta 6. O papel de representante dos alunos na turma, no Conselho geral ou no Conselho Pedagógico deve ser desempenhado só por estudantes portugueses

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	34	37,4	37,4
Discordo	34	37,4	74,7
Não sei/ Não tenho opinião	15	16,5	91,2
Concordo	6	6,6	97,8
Concordo totalmente	2	2,2	100,0
Total	91	100,0	

Nesta matéria os jovens de origem nacional apresentam opiniões favoráveis à participação ativa dos jovens de outras nacionalidades na vida escolar, na medida em que 74,7% dos inquiridos discordam, total ou parcialmente, da afirmação apresentada.

Quadro 32 – Pergunta 7. Os colegas brasileiros têm melhores relações com os portugueses devido à maior capacidade de adaptação à nossa cultura

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	9	9,9	9,9
Discordo	23	25,3	35,2
Não sei/ Não tenho opinião	16	17,6	52,7
Concordo	41	45,1	97,8
Concordo totalmente	2	2,2	100,0
Total	91	100,0	

Quanto às relações interpessoais entre os jovens brasileiros e os portugueses, 47,3% dos estudantes de origem nacional admitem que a proximidade das culturas, brasileira e portuguesa, favorecem as relações sociais entre jovens destes dois grupos, por oposição a 35,2% dos inquiridos que discordam, total ou parcialmente, da afirmação.

Quadro 33 – Pergunta 8. Os colegas venezuelanos têm mais dificuldades em conviver com os portugueses devido a significativas diferenças culturais que os separam

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	11	12,1	12,1
Discordo	28	30,8	42,9
Não sei/ Não tenho opinião	37	40,7	83,5
Concordo	14	15,4	98,9
Concordo totalmente	1	1,1	100,0
Total	91	100,0	

Com base na informação transmitida pelo quadro é possível realçar a percentagem de indecisos na avaliação das relações sociais entre venezuelanos e portugueses, 40,7%. No entanto, são as opiniões discordantes aquelas que prevalecem (42,9%), o que poderá ser devido ao facto dos estudantes venezuelanos terem ascendência portuguesa.

Quadro 34 – Pergunta 9. Os jovens europeus gostam das atividades intelectuais e individuais enquanto os jovens sul-americanos preferem as atividades físicas e de grupo

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	11	12,1	12,1
Discordo	18	19,8	31,9
Não sei/ Não tenho opinião	46	50,5	82,4
Concordo	16	17,6	100,0
Total	91	100,0	

Mais de metade dos estudantes portugueses inquiridos (50,5%), não tem ou não revela a sua opinião. Contudo, 31,9% dos inquiridos discorda total ou parcialmente da afirmação que associa os europeus às atividades mentais e solitárias e os sul-americanos às atividades físicas e relacionais.

Quadro 35 – Pergunta 10. Os jovens estrangeiros preferem obter bons resultados escolares do que fazer amigos na escola

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	13	14,3	14,3
Discordo	34	37,4	51,6
Não sei/ Não tenho opinião	34	37,4	89,0
Concordo	9	9,9	98,9
Concordo totalmente	1	1,1	100,0
Total	91	100,0	

Prevalecem as respostas discordantes com a afirmação (51,6% dos casos), mas é significativa a parcela de estudantes sem opinião (37,4%).

Se compararmos os resultados do quadro anterior com os obtidos no quadro 21, relativo a amostra de jovens de origem estrangeira, verificamos que a opinião dos participantes de origem nacional sobre os outros jovens difere daquela que os participantes de origem estrangeira têm de si.

Quadro 36 – Pergunta 11. Os jovens brasileiros são muito semelhantes aos jovens portugueses e aos angolanos

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	5	5,5	5,5
Discordo	11	12,1	17,6
Não sei/ Não tenho opinião	34	37,4	54,9
Concordo	39	42,9	97,8
Concordo totalmente	2	2,2	100,0
Total	91	100,0	

No mesmo sentido da resposta a pergunta 7 (quadro 32), a maioria dos jovens que emitiram a sua opinião (45,1% de respostas favoráveis) consideram os jovens brasileiros semelhantes aos portugueses e também aos angolanos, o que pode significar que a língua portuguesa terá sido um fator a ponderar nesta avaliação.

Quadro 37 – Pergunta 12. Antes de convivermos com estudantes de diversas nacionalidades formamos ideias a seu respeito que não correspondem a verdade

	Frequência	%	% Acumulada
Discordo totalmente	5	5,5	5,5
Discordo	18	19,8	25,3
Não sei/ Não tenho opinião	9	9,9	35,2
Concordo	49	53,8	89,0
Concordo totalmente	10	11,0	100,0
Total	91	100,0	

Por fim, grande parte dos estudantes de origem portuguesa reconhece a existência de representações sociais e estereótipos quando avaliam os jovens de outras nacionalidades antes de os conhecer, dado que as respostas concordantes atingem os 64,8% do total. É, no entanto, expressiva a percentagem daqueles que não têm esta perceção (30,8% dos casos). Os jovens que justificaram a escolha pela opção de concordância com a afirmação admitem o preconceito, as ideias pré-concebidas, os juízos e julgamentos precipitados sobre os estrangeiros baseados na aparência ou naquilo que ouvem dizer sobre eles e atribuem as causas à sociedade em que vivem. Alguns falam em discriminação e exclusão dos estrangeiros.

As respostas às questões abertas (13 e 14) permitem esclarecer as razões encontradas pelos **jovens de origem nacional** para diferenciar algumas nacionalidades dentro da categoria dos estrangeiros. Estas questões foram efetivamente formuladas com o propósito de orientar as respostas no sentido de descobrir a existência de diferenças nas atitudes e estereótipos de alunos portugueses em função do país de origem dos seus pares e que poderiam ter ficado encobertas nomeadamente, nas respostas às questões 2 (quadro 27), 3 (quadro 28), 7 (quadro 32), 8 (quadro 33) e 11 (quadro 36).

Quadro 38 – Pergunta 13. Do conjunto dos estrangeiros a estudar na escola quais são, do teu ponto de vista, os que apresentam maiores **diferenças físicas** relativamente aos jovens portugueses

Resposta	Nº	%	Justificação
Não sei/ Nenhuns	44	48,4	Não reparo nas diferenças porque no fundo somos todos iguais e não tenho preconceitos/ Não os conheço/ Porque somos ou são todos iguais/ Somos todos iguais e todos diferentes ao mesmo tempo/ Somos todos seres humanos. Não apresentam diferenças.
Angolanos	28	30,8	Cor e fala diferentes/ Cor e maior capacidade física/Cor da pele/ Características físicas mais visíveis/ Cor da pele e caracóis mais atraentes/ Nota-se ao olhar que são diferentes, pele escura, nariz achatado, cabelo encaracolado e são quase todos magros/Se nota logo pelo tom de pele/ A pele é diferente, a fisionomia, etc. /A diferença na cor da pele se destaca/ São mais altos e mais desenvolvidos/ Cor diferente da nossa/ Tom da pele é diferente/ A cor é bastante mais escura/ Denotamos pela cor da pele que poderão não ser portugueses/ Cor da pele diferente entre outras coisas/ A cor é diferente, a expressão do rosto, a cor e a forma do cabelo são também diferentes.
Ucranianos	8	8,8	Têm o seu próprio estilo/ São loiros e têm uma estatura relativamente mais alta/ São todos louros, de olhos azuis e com cor de pele muito clara/ Praticamente todos são loiros com olhos claros/ Têm características diferentes/ o cabelo loiro e os olhos claros são características comuns.
Angolanos e ucranianos	6	6,6	Os ucranianos têm pele mais clara e cabelo loiro e os angolanos têm pele mais escura/ Têm ambos grandes diferenças físicas como a cor do cabelo e a cor da pele/ É a natureza! A cor da sua pele, o seu cabelo e a altura diferenciam-se muito dos portugueses.
Suíços e ucranianos	2	2,2	Têm diferenças físicas.
Alemães	1	1,1	Sem justificação.
Brasileiros	1	1,1	A cor da pele é diferente.
Angolanos e venezuelanos	1	1,1	Têm características físicas muito diferentes/ Cor do cabelo e da pele é diferente.

Quando solicitados a comparar as diferenças físicas entre os jovens portugueses e os jovens de origem estrangeira, a maioria dos inquiridos de origem nacional (48,4%) não sabe ou não encontra diferenças físicas relevantes. Os jovens angolanos são considerados em 30,8% dos casos como o grupo de estrangeiros com maiores diferenças físicas seguido do grupo dos ucranianos com 8,8% dos casos. Para 6,6% dos inquiridos da amostra de estudantes de origem portuguesa são ambos os grupos, dos angolanos e dos ucranianos, aqueles que apresentam maiores diferenças físicas relativamente aos jovens de origem nacional. O grupo dos franceses não foi referido por estes participantes. A cor da pele é apontada como o traço físico mais distintivo entre o endogrupo e os exogrupos, seguida da cor do cabelo.

Quadro 39 – Pergunta 14. Do conjunto dos estrangeiros a estudar na escola quais são, do teu ponto de vista, os que apresentam maiores **diferenças culturais** relativamente aos jovens portugueses

Resposta	Nº	%	Justificação
Não sei/ Nenhuns	61	67,0	Não conheço os estrangeiros que estudam na minha escola. Não reparo porque somos todos iguais e não tenho preconceitos/ Não tenho convivência com nenhum estudante de nacionalidade diferente/ Desconheço as suas culturas/ Não convivo com estrangeiros/ Não convivo com estrangeiros. Eles tentam se adaptar a nossa cultura/Quando vêm para cá, tendem a adaptar-se/Todos contribuem da mesma forma para melhorar a nossa escola/Não noto diferenças
Ucranianos	16	17,6	Não sei porque/ Têm hábitos diferentes/ A língua e a maneira de ver as coisas são diferentes/ Não derivam da mesma cultura que nós (sem semelhanças) / Têm mais dificuldades em dominar o português e têm uma cultura diferente da portuguesa/ A sua língua é muito diferente da nossa/ Por causa da língua/ Estão habituados a outros costumes/ É a cultura deles. Não contesto/ A maneira de falar como de agir com as pessoas, é diferente.
Angolanos	5	5,5	As suas maneiras de vestir e de estar são completamente diferentes/ O modo de vida é diferente.
Alemães	1	1,1	Têm hábitos diferentes.
Franceses	1	1,1	Sem justificação.
Suíços	1	1,1	Têm costumes muito diferentes dos nossos.
Venezuelanos	1	1,1	Têm hábitos diferentes dos nossos.
Todos	1	1,1	Cada país tem a sua cultura.
Todos menos os brasileiros	1	1,1	Fazem coisas diferentes de nós!
Alemães, suíços, ucranianos e venezuelanos	1	1,1	A maneira de viver é diferente/ São outros hábitos.
Angolanos e ucranianos	1	1,1	No país deles, a cultura é muito diferente.
Suíços e ucranianos	1	1,1	Têm culturas diferentes.

Quanto aos traços culturais dos grupos de origem nacional distinta da portuguesa, os inquiridos tiveram dificuldade em estabelecer comparações. A maioria (67%) não sabe ou não consegue identificar diferenças. Contudo, o grupo dos ucranianos é considerado por 17,6% dos inquiridos de origem portuguesa como aquele que é mais distintivo. O grupo dos angolanos aparece agora em segundo lugar com um valor percentual de apenas 5,5%. Os brasileiros não foram referidos uma única vez pelos jovens inquiridos. Os hábitos, a língua, os costumes e os modos de vida são apontados como traços culturais mais distintivos.

Relativamente ao grupo III, da associação livre de adjetivos às nacionalidades com representação na escola, apresentamos a dicotomia entre adjetivos positivos e negativos atribuídos a cada uma das nacionalidades e admitimos como campo do *corpus* a resposta ao questionário.

Como referiu Bardin (2006, 90-92) na escolha dos documentos teve-se em conta as regras da exaustividade (considerados todos os elementos do *corpus*), da representatividade (as amostras são rigorosas uma vez que constituem uma parte representativa do universo), da homogeneidade (os documento obedecem a critérios precisos de escolha) e da pertinência (os documentos foram considerados os adequados ao objetivo da análise).

Tomamos como unidade de registo o adjetivo apresentado como resposta ao questionário.

Foi feita a categorização por objetivos, isto é, a passagem de dados em bruto a dados organizados (procedemos ao inventário dos elementos e a classificação dos mesmos) tendo em conta, como explicou Bardin (2006, 113-114) os critérios da exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade/fidelidade e produtividade.

Sabendo que as atitudes são caracterizadas pela direção (sentido da opinião – positivo, negativo ou neutro) e pela intensidade (a força ou grau de convicção manifestada) procuramos dar a orientação positiva ou negativa aos adjetivos registados pelos estudantes. Os adjetivos encontrados foram então classificados nos sentidos positivo e negativo.

Sabendo ainda que para a amostra de estudantes de origem estrangeira, das 240 respostas possíveis (isto é, adjetivos a atribuir as oito nacionalidades) só foram obtidas 91 respostas, e que para a amostra de jovens de origem portuguesa, das 1456 respostas possíveis foram apuradas 496 respostas, os resultados do inquérito permitem a construção do seguinte quadro resumo.

Quadro 40 – Frequência de adjetivos, de sentido positivo e negativo, atribuídos às diferentes nacionalidades pelas duas categorias de jovens

Origem Nacionalidades	Adjetivos com sentido positivo				Adjetivos com sentido negativo			
	Outra	%	Portuguesa	%	Outra	%	Portuguesa	%
Alemã	5	8,5	29	9,0	8	25,0	29	16,7
Angolana	6	10,2	40	12,4	2	6,3	22	12,6
Brasileira	10	17,0	63	19,6	3	9,4	15	8,6
Francesa	8	13,6	28	8,7	5	15,6	23	13,2
Portuguesa	13	22,0	66	20,5	8	25,0	30	17,2
Suíça	7	11,9	27	8,4	1	3,1	13	7,5
Ucraniana	4	6,8	34	10,6	4	12,5	26	14,9
Venezuela	6	10,2	35	10,9	1	3,1	16	9,2
Total	59	100,00	322	100,00	32	100,00	174	100,00

Com base na informação do quadro 40, podemos considerar a nacionalidade portuguesa como aquela que acolhe mais atributos positivos da parte dos estudantes, independentemente da sua nacionalidade. Em segundo lugar, aparece a nacionalidade brasileira. A nacionalidade francesa ocupa a terceira posição na avaliação do grupo dos jovens de outras origens (13,6%) mas no grupo dos jovens de origem portuguesa são os angolanos que assumem esta posição, com a percentagem de 12,4%. Em contrapartida, os suíços recebem dos jovens portugueses menos adjetivos positivos enquanto no grupo dos jovens de origem estrangeira a última posição pertence aos ucranianos.

Relativamente aos atributos negativos, são também os portugueses que lideram a lista embora em termos percentuais seja mais significativa a avaliação negativa dos jovens de outras origens nacionais (25%) do que dos jovens portugueses (17,2%). Os alemães recebem tal como os portugueses mais atributos negativos no grupo dos jovens de origem estrangeira e o segundo lugar no grupo dos jovens de origem portuguesa. A nacionalidade com a menor percentagem de adjetivos negativos é a suíça em ambos os grupos, mas no grupo dos jovens de origem estrangeira também os venezuelanos apresentam a mesma percentagem que os suíços (3,1%).

Quanto a análise de conteúdo dos adjetivos indicados pelos inquiridos os mesmos foram agrupados em quatro macrocategorias (ver anexo VII): físicas, psicológicas/de personalidade, relacionais e afetivas.

Quadro 41 – Macrocategorias de adjetivos

Categoria	Definição	Exemplo
Física	Nesta categoria foram incluídas as características ligadas ao aspeto físico	<i>asseado, bonito, feio e preto</i>
Psicológica/de personalidade	Nesta categoria foram incluídas as características em termos de pensamento	<i>inteligente, responsável, preguiçoso e teimoso</i>
Relacional	Na categoria relacional foram consideradas as características em termos de relação com o outro	<i>solidário, hospitaleiro, antissocial e egoísta</i>
Afetiva	Nesta categoria foram integradas os adjetivos que remetiam para os sentimentos e os afetos	<i>carinhoso, simpático, interesseiro e invejoso</i>

Tendo como referência as categorias de adjetivos do quadro 41 chegamos aos seguintes resultados:

Quadro 42 – Distribuição das macrocategorias de adjetivos em função da origem nacional

Categoria	Jovens de outra origem nacional				Jovens de origem portuguesa			
	Adjetivo com sentido positivo		Adjetivo com sentido negativo		Adjetivo com sentido positivo		Adjetivo com sentido negativo	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Física	4	6,8	1	3,1	20	6,2	3	1,7
Psicológica/de personalidade	28	47,4	14	43,8	115	35,7	86	49,4
Relacional	14	23,7	7	21,9	93	28,9	42	24,1
Afetiva	13	22	10	31,3	94	29,2	43	24,7
TOTAL	59	100	32	100	322	100	174	100

Qualquer que seja a origem nacional dos jovens, os adjetivos da categoria psicológica/ de personalidade são, independentemente do seu sentido positivo ou negativo, os mais frequentemente referidos (próximo dos 50%). Em contrapartida, os

adjetivos menos indicados pelos jovens integram a categoria ligada ao aspeto físico. Relativamente às restantes categorias, apenas a associação de adjetivos com sentido positivo feita pelos jovens de origem estrangeira apresenta maiores percentagens na categoria relacional. Em todos os outros casos a categoria dos sentimentos e afetos é referida mais vezes pelos estudantes, embora as diferenças percentuais sejam pouco expressivas.

4. Discussão de resultados

Com o objetivo de perceber como um grupo de jovens de nacionalidade estrangeira se integra na escola e de identificar o comportamento dos estudantes portugueses para com aquele grupo, formulamos quatro questões de investigação que pretendemos responder em função dos resultados obtidos com a aplicação do inquérito por questionário a nossa amostra bipartida.

Com a primeira questão procuramos estabelecer uma comparação entre os estereótipos e preconceitos dos dois grupos de jovens. Assim, os resultados obtidos através da análise do segundo grupo do questionário aplicado a amostra de jovens de origem estrangeira, nomeadamente aqueles que dizem respeito a questão 7 - os jovens portugueses são muito diferentes dos jovens do meu país de origem (quadro 23), permitem-nos constatar que, por um lado, 60% dos jovens de outras origens nacionais reconhecem existirem diferenças entre o seu grupo de origem e o grupo dos portugueses. Por outro, nos resultados obtidos no segundo grupo do inquérito à amostra de jovens de origem portuguesa, nas questões 2 – os jovens estrangeiros têm características físicas que os distinguem e afastam dos estudantes portugueses (quadro 27) e 3 – os estudantes estrangeiros têm características de comportamento que os distinguem e afastam dos estudantes portugueses (quadro 28), prevalecem as opiniões opostas a ideia da existência de diferenças físicas (76,9%) e comportamentais (64,8%) distintivas e distanciadoras entre os jovens de outras nações e os jovens portugueses. Ainda relativamente à amostra dos jovens portugueses, através dos resultados encontrados nas respostas às questões 13 – do conjunto dos estrangeiros a estudar na escola quais são, do teu ponto de vista, os que apresentam maiores diferenças físicas relativamente aos jovens portugueses (quadro 38) e 14 – do conjunto dos estrangeiros a estudar na escola quais são, do teu ponto de vista, os que apresentam maiores diferenças culturais relativamente aos jovens portugueses (quadro 39), verificámos que ao serem formulados os enunciados de modo a orientar a resposta para a identificação de diferenças entre as categorias (portugueses e estrangeiros), a maioria destes jovens dizem desconhecer a existência de diferenças ou não respondem à questão. Contudo, os valores obtidos são inferiores aos encontrados

nas questões 2 e 3 e são selecionados por eles, as nacionalidades angolana e ucraniana, como aquelas que apresentam respetivamente maiores diferenças físicas e culturais relativamente aos portugueses. Assim, considerando os contributos do modelo da diferenciação categorial defendido por Doise e Deschamps (1976-84; 1984, como referido por Amâncio, 2010, pp.400-401), para o qual os conteúdos significantes das categorias dependem dos seus critérios classificatórios e em que nas relações intergrupos existe tratamento diferenciado quando a categorização classificatória está associada a uma dimensão de significado subjetivo, como acontece com a nacionalidade, nestes nossos resultados esta evidência de enviesamento de favoritismo endogrupal (dos portugueses) relativamente ao exogrupo parece não ser tão notória pois, a maioria dos jovens de origem portuguesa afirma que não existem diferenças, embora uma minoria aponte para a sua existência.

Na segunda questão de investigação quisemos verificar se o contacto entre estudantes de diferentes origens nacionais tem contribuído para transformar estereótipos e atenuar preconceitos socialmente transmitidos. O conjunto dos resultados obtidos com a análise do segundo grupo do questionário, aplicado à amostra de jovens de origem estrangeira, mostra que o contacto intergrupar tem favorecido a interação dos jovens, sobretudo aqueles resultados que estão relacionados com as questões 3 - gostaria de pertencer a uma turma só com alunos de outros países (quadro 19), em que 46,7% dos jovens inquiridos é contra a existência de turmas específicas para estrangeiros, 8 – é melhor ter boas relações com colegas do mesmo país de origem do que ter relações de amizade com jovens portugueses (quadro 24), com 80% do grupo de estudantes contra a ideia de preferir a amizade com portugueses, e 9 – os colegas portugueses gostam de ajudar os jovens estrangeiros em dificuldades (quadro 25), em que 66,7% dos jovens de outras origens nacionais têm uma imagem positiva dos jovens portugueses. No que diz respeito à amostra dos jovens portugueses, os resultados verificados para o segundo grupo de questões do inquérito parecem apontar para relações intergrupais favoráveis, nomeadamente aqueles resultados que dizem respeito às questões 5 – os estudantes estrangeiros deveriam pertencer todos a mesma turma (quadro 30) com 83,5% dos inquiridos oponentes da constituição de turmas para estrangeiros, 7 – os colegas brasileiros têm melhores relações com os portugueses devido à maior capacidade de

adaptação à nossa cultura (quadro 32), em que 47,3% concordam com a proximidade cultural dos brasileiros à cultura portuguesa, 11 – os jovens brasileiros são muito semelhantes aos jovens portugueses e aos angolanos (quadro 36), com 45,1% dos jovens de origem nacional a admitirem muitas semelhanças entre brasileiros, angolanos e portugueses, 12 – antes de convivermos com estudantes de diversas nacionalidades formamos ideias a seu respeito que não correspondem a verdade (quadro 37), em que 64,8% dos inquiridos reconhecem fazer uma avaliação estereotipada dos jovens estrangeiros com os quais não têm contacto. Para compreendermos estes resultados, recorreremos aos estudos sobre a transformação dos estereótipos e atenuação dos preconceitos por efeito do contacto entre grupos. Os resultados levaram-nos a admitir a existência de eficácia no contacto intergrupar, para transformar estereótipos, devido ao facto dos jovens envolvidos possuírem estatuto social semelhante (para Amir,1976; Allport, 1954; Brown, 1984 referidos por Marques & Paéz, 2010, p.337) e devido ao contacto cooperativo se verificar na escola, contexto normativo favorável à interação positiva (como defenderam Deutsch, 1949; Pettigrew, 1981; Sherif,1967, referidos por Marques & Paéz, 2010, p. 337).

No que respeita à terceira questão sobre a diferenciação nos julgamentos dos jovens portugueses relativamente à origem nacional dos estrangeiros, comparamos as respostas às questões 7 (quadro 32) e 11 (quadros 36), anteriormente referidas, nas quais uma maioria relativa de jovens de origem nacional admite semelhanças entre portugueses, brasileiros e angolanos, com os resultados obtidos nas respostas a questão do terceiro grupo de associação livre de adjetivos às nacionalidades com representação na escola (quadro 40), em que depois dos portugueses (20,5%), o exogrupo dos brasileiros, com 19,6%, é o que recebe maior percentagem de atributos positivos, seguido do grupo dos angolanos, com 12,4%. A avaliação das nacionalidades brasileira e angolana, feita pelos jovens de origem portuguesa que responderam a questão, parece resultar da perceção de maiores afinidades culturais, nomeadamente ao nível da língua comum, comparativamente com as restantes subcategorias de estrangeiros, embora sejam também apontados traços negativos às nacionalidades, portuguesa (17,2%), angolana (12,6%) e brasileira (8,6%). Percebemos que há, portanto, diferenciação nos julgamentos em função da nacionalidade. Tal situação poderá dever-se à questão da organização cognitiva abstrata ou individualizada dos

estereótipos que defendeu Rothbart (1981, referido por Marques & Paéz, 2010, 349) em que a maior familiaridade com os membros de um grupo (no nosso caso, o grupo dos brasileiros, devido, provavelmente a razões ficcionais e, portanto externas ao contexto escolar, uma vez que o número de estudantes brasileiros é muito reduzido) permitiria uma codificação individualizante da informação (isto é, um processamento em termos individuais por existência de grande quantidade de informação), o que não aconteceria no caso da familiaridade com os membros de um grupo ser menor, em que a organização da informação far-se-ia em termos abstratos sobre o grupo sujeito a julgamento (isto é, um processamento em termos coletivo, devido à escassez de informação sobre os membros do grupo).

Para a última questão que procura estabelecer uma relação entre a integração social dos jovens estrangeiros com o grau de proximidade cultural à sociedade de acolhimento, comparamos as respostas às questões do primeiro e segundo grupos do inquérito aos participantes de origem estrangeira. Assim, as questões 8, 9 e 10 (quadro 11), que resumem as ligações dos jovens de origem estrangeira com Portugal e cujos valores obtidos são de 100% de indivíduos com amigos portugueses e familiares em Portugal e 66,7% com familiares portugueses, e a questão 11 (quadro 12), sobre o domínio da língua portuguesa que se verifica em 86,7% dos casos, foram confrontadas com as respostas às questões do segundo grupo de variáveis, 1 – na escola, as dificuldades em falar a língua portuguesa impedem o convívio com os jovens portugueses (quadro 17) em que os resultados obtidos referem 46,7% de opiniões discordantes com a afirmação, 7 – os jovens portugueses são muito diferentes dos jovens do meu país de origem (quadro 23) com 60% dos participantes de origem estrangeira a perceber grandes diferenças entre portugueses e estrangeiros, 8 – é melhor ter boas relações com colegas do mesmo país de origem do que ter relações de amizade com os jovens portugueses (quadro 24) em que 80% dos participantes rejeitam a afirmação. Se relacionarmos os resultados apresentados nas respostas dos participantes de origem portuguesa às questões 1 – na escola os estudantes de nacionalidade estrangeira isolam-se e não têm amigos portugueses (quadro 26), em que 85,7% dos inquiridos discordam da afirmação, 4 – para participarem ativamente nas atividades escolares, os colegas estrangeiros devem dominar a língua portuguesa e adotar os hábitos dos jovens portugueses, com 47,3% de opiniões discordantes,

concluimos que os jovens de outras nações estão integrados no meio escolar e na sociedade de acolhimento, pois têm amigos portugueses e grande parte deles domina a língua portuguesa e tem familiares portugueses. Estes fatores têm um peso significativo no grau de proximidade cultural à sociedade portuguesa.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo deste documento procuramos expor os argumentos de defesa da opção de investigação que escolhemos e os fundamentos teóricos que sustentam a nossa pesquisa. Assim, explicamos as motivações que o estudo da temática das relações interculturais nos desperta, em especial quando estas ocorrem no âmbito do espaço escolar, espaço de interação por excelência, que conhecemos e desejamos sempre aberto ao diálogo intercultural. Apresentamos também algumas interrogações que as relações interculturais nos suscitam.

No segundo capítulo fizemos uma abordagem sucinta ao tema das migrações para justificarmos a sua pertinência, tendo em conta a tradição de Portugal no domínio dos movimentos migratórios e as consequências para o país da integração no espaço europeu. Analisamos alguns conceitos e estudos da Psicologia Social relacionados com o contacto intercultural de indivíduos ou grupos e que foram a base de argumentação da discussão dos resultados da investigação.

No terceiro capítulo desta tese identificamos o contexto e o objeto de investigação, isto é, caracterizamos a escola selecionada e a população alvo da nossa pesquisa (estudantes do ensino secundário diurno da escola), com base nos seguintes indicadores sociais: ano de escolaridade, idade e género do indivíduo. A metodologia adotada consistiu num estudo descritivo exploratório segundo as perspetivas quantitativa e qualitativa. Traçamos os objetivos que nos propusemos alcançar e formulamos algumas questões de investigação. Delimitamos a amostra a 106 indivíduos dos quais 15, representavam a totalidade dos estudantes de origem estrangeira e 91, um subconjunto dos estudantes de origem portuguesa. A amostra foi caracterizada tendo em conta os mesmos indicadores sociais adotados para a população. Aplicamos a técnica do inquérito por questionário com perfeita consciência das limitações que este instrumento de trabalho apresenta pelo que construímos dois formulários de resposta, para cada um dos grupos de estudantes, com tipos de resposta aberta e fechada. Os dados foram tratados por análise estatística e análise de conteúdo e apresentados os resultados com recurso a programas informáticos.

Da discussão dos resultados retiramos as seguintes conclusões: não parecem existir diferenças entre os estereótipos e preconceitos dos dois grupos de estudantes (os portugueses e os estrangeiros) ou, pelo menos, não são tão evidentes. O contacto

intergruppal tem permitido a transformação de estereótipos, na medida em que todos os jovens têm estatuto social semelhante e a escola constitui um contexto favorável à interação positiva entre os jovens. Parece contudo haver tratamento diferenciado consoante a nacionalidade, havendo da parte dos portugueses maior familiaridade com o grupo dos brasileiros. Quanto à integração dos estrangeiros em meio escolar, parece fazer-se sem obstáculos, na medida em que grande parte dos jovens de origem estrangeira tem amigos portugueses, familiares portugueses e domínio da língua portuguesa.

Reconhecemos que o reduzido número de alunos estrangeiros, devido a localização da escola na periferia de dois importantes centros urbanos nortenhos, constitui uma limitação do trabalho pelo que seria interessante uma abordagem em contexto de maior diversidade cultural para a comparação dos resultados e avaliação das atitudes manifestadas pelos estudantes.

BIBLIOGRAFIA

Amâncio, L. (2010). Identidade social e relações intergrupais. In Vala, J., & Monteiro, M. B. (Coords.) *Psicologia Social* (8ª Edição, pp. 387-409). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Araújo, S. (2008). *Contributos para uma educação para a cidadania: professores e alunos em contexto intercultural*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/tese_17.pdf

Baganha, M. I., Marques, J. C., & Góis, P. (2009). Imigrantes em Portugal: uma síntese histórica. *Revista Ler História* (nº 56, 123-133).

Bardin, L. (2006). *Análise de Conteúdo* (4ª Edição). Lisboa: Edições 70.

Cabecinhas, R., & Amâncio, L. (2004). Estereótipos sociais e assimetria simbólica: três estudos com jovens angolanos e portugueses. *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Tema: A questão social no novo milénio*. Coimbra: CES. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/rosacabecinhas.pdf>

Cardoso, T., Alarcão, I., & Celorico, J. A. (2010). *Revisão da Literatura e Sistematização do conhecimento*. Porto: Porto Editora.

Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da investigação. Guia para a Autoaprendizagem* (2ª Edição). Lisboa: Universidade Aberta.

Carmo, H. (Coord.). (2001). *Problemas Sociais Contemporâneos*. Lisboa: Universidade Aberta.

Catita, P. (2008). *As Representações sociais dos enfermeiros do serviço de urgência face ao doente idoso*. (Tese de mestrado). Disponível em: <http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/701/1/LC412.pdf>

Deschamps, J.-C. (2003). Identidade e relações de poder em contexto intergrupar. In Lima, M.L., Castro, P., & Garrido, M. (Orgs.). *Temas e Debates em Psicologia Social* (pp. 57-72). Lisboa: Livros Horizonte.

Dortier, J.-F. (Coord.). (2006). *Dicionário das Ciências Humanas*. Lisboa: Climepsi Editores.

Durães, M. (2009). Portugal, país de acolhimento: as comunidades estrangeiras no Noroeste (século XIX-XX.). In Rocha-Trindade, M. B. (Org.). *Migrações, Permanências e Diversidades* (pp. 169-185). Porto: Edições Afrontamento.

Gleitman, H. (1999). *Psicologia* (4ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Neto, F. (2002). *Psicologia Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta.

Lechner, E. (2010). *Migração e Conflito*. Coimbra: Angelus Novus.

Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª Edição). Lisboa: Edições Sílabo.

Marques, J., & Paéz, D. (2010). Processos cognitivos e estereótipos sociais. In Vala, J., & Monteiro, M. B. (Coords.) *Psicologia Social* (8ª Edição, pp. 333-386). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Martinez, L., & Ferreira, A. (2008). *Análise de dados com SPSS Primeiros Passos* (2ª Edição). Lisboa: Escolar Editora.

Martins, M. E., & Cerveira, A. (1999). *Introdução às Probabilidades e à Estatística*. Lisboa: Universidade Aberta.

Matos, C. (1993). Migrações: Decisões Individuais e Estruturas Sociais. *SOCIUS Working Paper*. N.º 5/93, 1-22. Disponível em: <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp935.pdf>

Miranda, J. (1994). *Grupos Étnicos em Portugal. Os Estereótipos dos “Portugueses”*, (Tese de Mestrado – não publicada). Universidade Aberta. Lisboa.

Miranda, J. (1998). Comportamento intergrupar – revisão de literatura. *Análise Psicológica* (Vol. XVI, nº 4, 599-614). Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v16n4/v16n4a05.pdf>

Monteiro, M. B. (2003). Assimetrias entre recursos positivos e negativos em relações intergrupais: retóricas da discriminação. In Lima, M.L., Castro, P., & Garrido, M. (Orgs.). *Temas e Debates em Psicologia Social* (pp. 73-92). Lisboa: Livros Horizonte.

Peixoto, J. A. (2002). Migrações Internacionais e Globalização: mobilidade, mercado de trabalho e relações sociais. In Scherer-Warren, I., & Ferreira, J. M. C. (Orgs.). *Transformações Sociais e Dilemas da Globalização: um diálogo Brasil/Portugal* (pp. 47-67). São Paulo: Cortez Editora.

Portes, A. (1999). *Migrações Internacionais: Origens, Tipos e Modos de In-corporação*. Oeiras: Celta Editora.

Rocha-Trindade, M. B., (Coord.). (1995), *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.

Silva, A. S., & Pinto, J. M. (2007). Uma Visão Global sobre as Ciências Sociais. In Silva, A. S., & Pinto, J. M. (Orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais* (14ª Edição, pp. 9-27). Porto: Edições Afrontamento.

Vala, J. (2005). Etnização e estratégias de relação cultural entre os imigrantes e os países de acolhimento: reflexões a partir do caso português. In Barreto, A. (Org.). *Globalização e Migrações* (pp. 273-289). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

Vala, J. (2007). A Análise de Conteúdo. In Silva, A. S., & Pinto, J. M. (Orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais* (14ª Edição, pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.

Vala, J.; Monteiro, M. B. (Coords.). (2010). *Psicologia Social* (8ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ENDEREÇOS ELECTRÓNICOS:

Portal de Estatística na Internet, Relatório 2009 do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (pp. 25-29). Arquivada em http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2009.pdf

Escola Secundária de Carvalhos, Arquivada em <http://www.esb3carvalhos.com/>

ANEXOS

ANEXO I

Modelo de inquérito por questionário

(jovens de origem estrangeira)

Inquérito por questionário

Este questionário insere-se no âmbito do trabalho de pesquisa para a Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Este estudo pretende determinar a qualidade das interações sociais entre os estudantes de diferentes origens nacionais presentes nesta escola. O questionário é confidencial e para ser considerado válido todas as questões devem ser respondidas.

Muito obrigada pela tua colaboração.

Nos grupos I e II, assinala com um x a opção escolhida. Quando for pedido, explica qual a razão da tua escolha.

I. Caracterização do inquirido

1. Sexo: Feminino Masculino
2. Idade:
 14-15 anos 16-17 anos 18-19 anos
 20-21 anos 22-23 anos
3. Ano de escolaridade: 10º ano 11º ano 12º ano
4. Naturalidade:
 Alemã Angolana Brasileira Francesa
 Suíça Ucraniana Venezuelana Portuguesa
 Outra. Qual? _____
5. Nacionalidade:
 Alemã Angolana Brasileira Francesa
 Suíça Ucraniana Venezuelana Portuguesa
 Outra. Qual? _____
6. Tempo de permanência em Portugal:
 Inferior a um ano De um a cinco anos Superior a cinco anos
7. Frequência da escola no país de origem:
 Não Sim, durante _____ anos
8. Familiares portugueses: Não Sim, grau de parentesco _____
9. Amigos portugueses:
 Sim Não
10. Familiares em Portugal:
 Sim Não

11. Domínio da língua portuguesa

Sim Não

12. Habilitações académicas do encarregado de educação:

Nível básico Nível médio Nível superior

II. Caracterização da Interação social em contexto escolar

1. Na escola, as dificuldades em falar a língua portuguesa impedem o convívio com os jovens portugueses.

Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

2. Para participar ativamente nas atividades da escola é preciso aceitar e adotar, dentro e fora da sala de aula, os comportamentos e hábitos dos jovens portugueses.

Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

3. Gostaria de pertencer a uma turma só com alunos de outros países.

Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

4. Gostaria de representar a turma e os alunos da escola no Conselho Pedagógico ou no Conselho Geral.

Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

5. Manter boas relações com os colegas é mais importante do que ser bom aluno.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

6. É preferível estudar individualmente do que estudar em grupo.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

7. Os jovens portugueses são muito diferentes dos jovens do meu país de origem.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

8. É melhor ter boas relações com colegas do mesmo país de origem do que ter relações de amizade com os jovens portugueses.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

9. Os colegas portugueses gostam de ajudar os jovens estrangeiros com dificuldades.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

ANEXO II

Modelo de inquérito por questionário

(jovens de origem portuguesa)

Inquérito por questionário

Este questionário insere-se no âmbito do trabalho de pesquisa para a Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Este estudo pretende determinar a qualidade das interações sociais entre os estudantes de diferentes origens nacionais presentes nesta escola. O questionário é confidencial e para ser considerado válido todas as questões devem se respondidas.

Muito obrigada pela tua colaboração.

Assinala com um x a opção escolhida nos grupos I e II e, quando for pedido, explica qual a razão da tua escolha.

I. Caracterização do inquirido

1. Sexo: Feminino Masculino
2. Idade: 14-15 anos 16-17 anos 18-19 anos
 20-21 anos 22-23 anos
3. Ano de escolaridade: 10º ano 11º ano 12º ano
4. Subsidiado pelo SASE:
 Sim Não
5. Experiência de vida num país estrangeiro:
 Nenhuma Como visitante Como residente por um ano ou mais
6. Amigos ou familiares estrangeiros:
 Não Sim, de nacionalidade(s)

7. Familiares no estrangeiro:
 Não Sim, grau de parentesco

8. Habilitações académicas do encarregado de educação:
 1º ciclo ou menos 2º ciclo 3º ciclo secundário superior

II. Caracterização da interação social em contexto escolar

1. Na escola, os estudantes de nacionalidades estrangeiras isolam-se e não têm amigos portugueses.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

2. Os jovens estudantes estrangeiros têm características físicas que os distinguem e afastam dos estudantes portugueses.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

3. Os estudantes estrangeiros têm características de comportamento que os distinguem e afastam dos estudantes portugueses.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

4. Para participarem ativamente nas atividades escolares, os colegas estrangeiros devem dominar a língua portuguesa e adotar os hábitos dos jovens portugueses.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

5. Os estudantes estrangeiros deveriam pertencer todos a mesma turma.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

6. O papel de representante dos alunos na turma, no Conselho Geral ou no Conselho Pedagógico deve ser desempenhado só por estudantes portugueses.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

7. Os colegas brasileiros têm melhores relações com os portugueses devido à maior capacidade de adaptação à nossa cultura.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

8. Os colegas venezuelanos têm mais dificuldades em conviver com os portugueses devido às significativas diferenças culturais que os separam.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

9. Os jovens europeus gostam das atividades intelectuais e individuais enquanto os jovens sul-americanos preferem as atividades físicas e de grupo.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

10. Os jovens estrangeiros preferem obter bons resultados escolares do que fazer amigos na escola.

- Discordo totalmente Discordo Não sei/Não tenho opinião
 Concordo Concordo totalmente

Porque _____

Angolanos	1 _____	<input type="radio"/>
	2. _____	<input type="radio"/>
Brasileiros	1 _____	<input type="radio"/>
	2 _____	<input type="radio"/>
Franceses	1 _____	<input type="radio"/>
	2 _____	<input type="radio"/>
Portugueses	1 _____	<input type="radio"/>
	2 _____	<input type="radio"/>
Suíços	1 _____	<input type="radio"/>
	2 _____	<input type="radio"/>
Ucranianos	1 _____	<input type="radio"/>
	2 _____	<input type="radio"/>
Venezuelanos	1 _____	<input type="radio"/>
	2 _____	<input type="radio"/>

ANEXO III

Quadro auxiliar

(Adjetivos, com sentido positivo, atribuídos pelos jovens de outras origens)

Adjetivos, com sentido positivo, atribuídos às nacionalidades (jovens de outras origens)

Adjetivos/Nacionalidade	Alemã	Angolana	Brasileira	Francesa	Portuguesa	Suíça	Ucraniana	Venezuelana	Total de ocorrências por adjetivo
<i>Acolhedor/Hospitaleiro</i>				1	3	1	1		6
<i>Alegre/Divertido</i>			3		1			2	6
<i>Amigável</i>				2	1			1	4
<i>Asseado/Limpo</i>						2			2
<i>Bem-humorado</i>			1					1	2
<i>Bonito</i>					1	1			2
<i>Carinhoso</i>								1	1
<i>Colaborador</i>		1						1	2
<i>Compreensivo</i>					1				1
<i>Empenhado</i>							1		1
<i>Extrovertido</i>		1	1						2
<i>Festejador/Festivo</i>			1		1				2
<i>Grandioso</i>					1				1
<i>Honesto/ Sérioo</i>		1	1		1	1			4
<i>Inteligente</i>	1			1	1	1	1		5
<i>Luxuoso</i>				1					1
<i>Organizado</i>	1								1
<i>Quente</i>			1						1
<i>Responsável</i>	1								1
<i>Rigoroso/Rígido</i>	2								2
<i>Simpático</i>		2	1	2	1		1		7
<i>Sociável</i>			1	1					2
<i>Solidário</i>					1				1
<i>Sonhador</i>		1							1
<i>Vaidoso</i>						1			1
Total de ocorrências por nacionalidade	5	6	10	8	13	7	4	6	59

ANEXO IV

Quadro auxiliar

(Adjetivos, com sentido negativo, atribuídos pelos jovens de outras origens)

Adjetivos, com sentido negativo, atribuídos às nacionalidades (jovens de outras origens)

Adjetivos/Nacionalidade	Alemã	Angolana	Brasileira	Francesa	Portuguesa	Suíça	Ucraniana	Venezuelana	Total de ocorrências por adjetivo
<i>Alto</i>	1								1
<i>Antissociável</i>							1		1
<i>Arrogante</i>				1					1
<i>Desconfiado</i>				1					1
<i>Falador</i>								1	1
<i>Fechado</i>	2			1	1		1		5
<i>Frio</i>	2					1			3
<i>Gabarola</i>			1						1
<i>Introvertido</i>	1								1
<i>Invejoso</i>					2				2
<i>Irresponsável</i>			1		1				2
<i>Orgulhoso</i>		1							1
<i>Preguiçoso</i>					3				3
<i>Rigoroso/rígido</i>	1								1
<i>Ruim</i>							1		1
<i>Superior</i>				1					1
<i>Suscetível</i>		1							1
<i>Teimoso</i>	1				1				2
<i>Tímido</i>							1		1
<i>Traíçoeiro</i>				1					1
<i>Violento</i>			1						1
Total de ocorrências por nacionalidade	8	2	3	5	8	1	4	1	32

ANEXO V

Quadro auxiliar

(Adjetivos, com sentido positivo, atribuídos pelos jovens de origem nacional)

Adjetivos, com sentido positivo, atribuídos às nacionalidades (jovens de origem nacional)

Adjetivos/Nacionalidade	Alemã	Angolana	Brasileira	Francesa	Portuguesa	Suíça	Ucraniana	Venezuelana	Total de ocorrências por adjetivo
<i>Aberto</i>					1				1
<i>Acolhedor/Hospitaleiro</i>	4	4	7	8	23	4	1	2	53
<i>Alegre/Divertido/Engraçado</i>	2	8	19	1	4	4	6	6	50
<i>Alto</i>	3								3
<i>Altruísta</i>					1				1
<i>Amável/Agradável</i>		1				1			2
<i>Amigável</i>	1	2	2	1	5	3		4	18
<i>Amoroso/Carinhoso</i>		1	1		1				3
<i>Animado</i>		1							1
<i>Atencioso</i>			1						1
<i>Bem-humorado/-disposto</i>		3	2						5
<i>Bondoso</i>			1		4	1	1	1	8
<i>Bonito/Lindo</i>	1		4		3		1	1	10
<i>Brincalhão</i>		1	1	1					3
<i>Carismático</i>								1	1
<i>Calorento</i>			2						2
<i>Chique/Elegante</i>				2				1	3
<i>Colaborador</i>					1			1	2
<i>Companheiro</i>								1	1
<i>Competente</i>				1					1
<i>Compreensivo</i>				1		1			2
<i>Comunicativo/expansivo</i>	1	1	5						7
<i>Culto</i>				1					1
<i>Discreto/Reservado</i>	1	1						1	3
<i>Devoto/Religioso</i>			2						2
<i>Efícaz</i>							1		1
<i>Empenhado</i>						1	2		3
<i>Esperto</i>	1								1
<i>Eufórico</i>		1							1
<i>Extrovertido</i>		1	3		2	1	1	1	9
<i>Gentil</i>			1		1				2
<i>Genuíno</i>			1						1
<i>Honesto/ Sérió</i>					4		1		5
<i>Humilde</i>		1	1		2		1		5
<i>Individualista</i>				1					1
<i>Intelectual</i>				1					1
<i>Inteligente</i>	2	1		1			1	2	7
<i>Interessante</i>		1							1
<i>Jeitoso</i>					2				2
<i>Leal</i>	1								1
<i>Lutador</i>				1		1			2
<i>Nacionalista/Patriota</i>		1		1					2

(continua)

(continuação)

Adjetivos/Nacionalidade	Alemã	Angolana	Brasileira	Francesa	Portuguesa	Suíça	Ucraniana	Venezuelana	Total de ocorrências por adjetivo
<i>Organizado</i>	1					1			2
<i>Otimista</i>								1	1
<i>Pontual</i>						1			1
<i>Prestável</i>							1		1
<i>Preto</i>		1							1
<i>Querido</i>			1						1
<i>Racional</i>	1								1
<i>Rico</i>				1					1
<i>Romântico</i>				1					1
<i>Simpático</i>	6	8	5	3	8	6	12	6	54
<i>Sincero</i>	1	1	1					1	4
<i>Sociável</i>	3		3		2	1	1	2	12
<i>Solidário</i>					1				1
<i>Trabalhador</i>		1					3	2	6
<i>Único</i>					1				1
<i>Unido</i>						1	1		2
<i>Vaidoso</i>				1					1
<i>Vanguardista</i>				1					1
<i>Versátil</i>								1	1
Total de ocorrências por nacionalidade	29	40	63	28	66	27	34	35	322

ANEXO VI

Quadro auxiliar

(Adjetivos, com sentido negativo, atribuídos pelos jovens de origem nacional)

Adjetivos, com sentido negativo, atribuídos às nacionalidades (jovens de origem nacional)

Adjetivos/Nacionalidade	Alemã	Angolana	Brasileira	Francesa	Portuguesa	Suíça	Ucraniana	Venezuelana	Total de ocorrências por adjetivo
<i>Aborrecido</i>		1		1		1		1	4
<i>Agressivo</i>	1						1		2
<i>Aluado</i>								1	1
<i>Antipático</i>	4								4
<i>Antissociável</i>	3								3
<i>Arrogante/Presumido</i>	2		1	2	1		1	1	8
<i>Autoritário</i>				1	1				2
<i>Complicado</i>					1				1
<i>Conformista</i>					1				1
<i>Convencido</i>	1	1		4		1	2		9
<i>Crítico</i>					1				1
<i>Desconfiado</i>	1	1	2		1		3		8
<i>Despreocupado</i>		1							1
<i>Discreto/Reservado</i>		1		2		1	1		5
<i>Dramático</i>				1					1
<i>Desinquieto/Irrequieto</i>		1						1	2
<i>Desonesto</i>			3	4	3	1		1	12
<i>Distante/Distraído</i>	1	1					3	1	6
<i>Egocêntrico</i>		1		1					2
<i>Egoísta</i>	1						1	2	4
<i>Envergonhado</i>		1							1
<i>Esquisito/Estranho</i>		1						2	3
<i>Exagerado</i>						1			1
<i>Falador</i>		1	1			2	1	2	7
<i>Falso</i>							1		1
<i>Fechado</i>	1						1		2
<i>Feio</i>						1			1
<i>Frio</i>	1			1		1	1		4
<i>Grosseiro/Estúpido/Rude</i>	2		1				1	2	6
<i>Hipócrita</i>			1				1		2
<i>Ignorante</i>			1				1		2
<i>Impaciente</i>		1							1
<i>Individualista</i>		1							1
<i>Influenciável</i>							1		1
<i>Interesseiro</i>	1		1		1				3
<i>Intolerante</i>	1		1						2
<i>Introvertido</i>	1	1				1			3
<i>Invejoso</i>		1			2				3
<i>Mau</i>	1					1			2
<i>Mal-humorado</i>	1								1
<i>Mentiroso</i>					2	1	1		4
<i>Misterioso</i>							1		1
<i>Moreno</i>		2							2
<i>Narcisista</i>				1					1
<i>Oportunista</i>							1		1
<i>Orgulhoso</i>			1	1					2

(continua)

(continuação)

Adjetivos/Nacionalidade	Alemã	Angolana	Brasileira	Francesa	Portuguesa	Suíça	Ucraniana	Venezuelana	Total de ocorrências por adjetivo
Pedante				1					1
Pessimista					3				3
Poupado					1				1
Preconceituoso		1							1
Preguiçoso		1	1	1	5				8
Racista	2	1			4				7
Rigoroso/Rígido	1								1
Teimoso	1				2			1	4
Terrorista			1						1
Tímido	2			1			1		4
Único					1				1
Unido						1	1		2
Vaidoso				1					1
Vingativo		1							1
Violento		1					1	1	3
Total de ocorrências por nacionalidade	29	22	15	23	30	13	26	16	174

ANEXO VII

Mapas de categorías de adjetivos

Adjetivos, com sentido positivo, atribuídos às nacionalidades (jovens de outras origens – Anexo III)			
Físicas	Psicológicas/Personalidade	Relacionais	Afetivas
Asseado / Limpo 2 Bonito 2	Alegre / Divertido 6 Bem-humorado 2 Empenhado 1 Extrovertido 2 Grandioso 1 Honesto / Sério 4 Inteligente 5 Luxuoso 1 Organizado 1 Responsável 1 Rigorous / Rígido 2 Sonhador 1 Vaidoso 1	Acolhedor/ Hospitaleiro 6 Colaborador 2 Compreensivo 1 Festivo / Festejador 2 Sociável 2 Solidário 1	Amigável 4 Carinhoso 1 Quente 1 Simpático 7
Total=4; 6,8%	Total = 28; 47,4%	Total =14; 23,7%	Total= 13; 22%

Adjetivos, com sentido negativo, atribuídos às nacionalidades (jovens de outras origens – Anexo IV)			
Físicas	Psicológicas/Personalidade	Relacionais	Afetivas
Alto 1	Arrogante 1 Falador 1 Gabarola 1 Introvertido 1 Irresponsável 2 Orgulhoso 1 Preguiçoso 3 Rigorous / Rígido 1 Teimoso 2 Tímido 1	Antissociável 1 Desconfiado 1 Invejoso 2 Superior 1 Traíçoeiro 1 Violento 1	Fechado 5 Frio 3 Ruim 1 Suscetível 1
Total=1; 3,1%	Total = 14; 43,8%	Total = 7; 21,9%	Total = 10; 31,3%

Adjetivos, com sentido positivo, atribuídos às nacionalidades (jovens de origem nacional – Anexo V)			
Físicas	Psicológicas/Personalidade	Relacionais	Afetivas
Alto 3	Altruísta 1	Aberto 1	Amável /
Bonito / Lindo 10	Alegre /Divertido/	Acolhedor/	Agradável 2
Chique / Elegante 3	Engraçado 50	Hospitaleiro 53	Amigável 18
Jeitoso 2	Atencioso 1	Brincalhão 3	Amoroso /
Preto 1	Bem-humorado 5	Colaborador 2	Carinhoso 3
Rico 1	Carismático 1	Companheiro 1	Animado 1
	Competente 1	Compreensivo 2	Bondoso 8
	Culto 1	Comunicativo/	Calorento 2
	Discreto / Reservado 3	Expansivo 7	Devoto / Religioso 2
	Eficaz 1	Gentil 2	Otimista 1
	Empenhado 3	Individualista 1	Querido 1
	Esperto 1	Leal 1	Romântico 1
	Eufórico 1	Nacionalista /	Simpático 54
	Extrovertido 9	Patriota 2	Único 1
	Genuíno 1	Pontual 1	
	Honesto / Sério 5	Prestável 1	
	Humilde 5	Sociável 12	
	Intelectual 1	Solidário 1	
	Inteligente 7	Unido 2	
	Interessante 1	Versátil 1	
	Lutador 2		
	Organizado 2		
	Racional 1		
	Sincero 4		
	Trabalhador 6		
	Vaidoso 1		
	Vanguardista 1		
Total=20; 6,2%	Total=115; 35,7%	Total= 93; 28,9%	Total=94; 29,2%

Adjetivos, com sentido negativo, atribuídos às nacionalidades (jovens de origem nacional – Anexo VI)			
Físicas	Psicológicas/Personalidade	Relacionais	Afetivas
Feio 1 Moreno 2	Arrogante / Presumido 8 Complicado 1 Conformista 1 Convencido 9 Crítico 1 Despreocupado 1 Discreto / Reservado 5 Desinquieto / Irrequieto 2 Distante / Distraído 6 Envergonhado 1 Esquisito / Estranho 3 Exagerado 1 Falador 7 Fechado 2 Grosseiro / Estúpido / Rude 6 Ignorante 2 Impaciente 1 Introvertido 3 Misterioso 1 Mentiroso 4 Mal-humorado 1 Pedante 1 Poupado 1 Preguiçoso 8 Rigoroso/rígido 1 Teimoso 4 Tímido 4 Vaidoso 1	Agressivo 2 Antissocial 3 Autoritário 2 Desconfiado 8 Egocêntrico 2 Egoísta 4 Individualista 1 Influenciável 1 Intolerante 2 Narcisista 1 Oportunista 1 Preconceituoso 1 Racista 7 Terrorista 1 Unido 2 Vingativo 1 Violento 3	Aborrecido 4 Aluado 1 Antipático 4 Dramático 1 Desonesto 12 Falso 1 Frio 4 Hipócrita 2 Interesseiro 3 Invejoso 3 Mau 2 Orgulhoso 2 Pessimista 3 Único 1
Total= 3; 1,7%	Total= 86; 49,4%	Total=42; 24,1%	Total=43; 24,7%

ANEXO VIII

Quadro auxiliar

(Percentagem de adjetivos de sentido positivo)

Percentagens de adjetivos de sentido positivo

Adjetivos	Ocorrências por adjetivo	Percentagem
<i>Aberto</i>	1	0,26
<i>Acolhedor/Hospitaleiro</i>	59	15,49
<i>Alegre/Divertido/Engraçado</i>	56	15,95
<i>Alto</i>	3	0,79
<i>Altruista</i>	1	0,26
<i>Amável/Agradável</i>	2	0,52
<i>Amigável</i>	22	5,77
<i>Amoroso/Carinhoso</i>	3	0,79
<i>Animado</i>	1	0,26
<i>Asseado/Limpo</i>	2	0,52
<i>Atencioso</i>	1	0,26
<i>Bem-humorado/-disposto</i>	7	1,84
<i>Bondoso</i>	8	2,10
<i>Bonito/Lindo</i>	12	3,15
<i>Brincalhão</i>	3	0,79
<i>Carinhoso</i>	1	0,26
<i>Carismático</i>	1	0,26
<i>Calorento</i>	2	0,52
<i>Chique/Elegante</i>	3	0,79
<i>Colaborador</i>	4	1,05
<i>Companheiro</i>	1	0,26
<i>Competente</i>	1	0,26
<i>Compreensivo</i>	3	0,79
<i>Comunicativo/Expansivo</i>	7	1,84
<i>Culto</i>	1	0,26
<i>Discreto/Reservado</i>	3	0,79
<i>Devoto/Religioso</i>	2	0,52
<i>Efcaz</i>	1	0,26
<i>Empenhado</i>	4	1,05
<i>Esperto</i>	1	0,26
<i>Eufórico</i>	1	0,26
<i>Extrovertido</i>	11	2,89
<i>Festivo/Festejador</i>	2	0,52
<i>Gentil</i>	2	0,52
<i>Genuíno</i>	1	0,26
<i>Grandioso</i>	1	0,26
<i>Honesto/ Séri</i>	9	2,36

Adjetivos	Ocorrências por adjetivo	Percentagem
<i>Humilde</i>	5	1,31
<i>Individualista</i>	1	0,26
<i>Intelectual</i>	1	0,26
<i>Inteligente</i>	12	3,15
<i>Interessante</i>	1	0,26
<i>Jeitoso</i>	2	0,52
<i>Leal</i>	1	0,26
<i>Lutador</i>	2	0,52
<i>Luxuoso</i>	1	0,26
<i>Nacionalista/Patriota</i>	2	0,52
<i>Organizado</i>	3	0,79
<i>Otimista</i>	1	0,26
<i>Pontual</i>	1	0,26
<i>Prestável</i>	1	0,26
<i>Preto</i>	1	0,26
<i>Quente</i>	1	0,26
<i>Querido</i>	1	0,26
<i>Racional</i>	1	0,26
<i>Responsável</i>	1	0,26
<i>Rico</i>	1	0,26
<i>Rigoroso/Rígido</i>	2	0,52
<i>Romântico</i>	1	0,26
<i>Simpático</i>	61	16,01
<i>Sincero</i>	4	1,05
<i>Sociável</i>	14	3,67
<i>Solidário</i>	2	0,52
<i>Sonhador</i>	1	0,26
<i>Trabalhador</i>	6	1,57
<i>Único</i>	1	0,26
<i>Unido</i>	2	0,52
<i>Vaidoso</i>	2	0,52
<i>Vanguardista</i>	1	0,26
<i>Versátil</i>	1	0,26
Total de ocorrências	381	100

ANEXO IX

Quadro auxiliar

(Porcentagem de adjetivos de sentido negativo)

Porcentagem de adjetivos de sentido negativo

Adjetivos de sentido negativo	Ocorrências por adjetivo	Porcentagem
<i>Aborrecido</i>	4	1,94
<i>Agressivo</i>	2	0,97
<i>Alto</i>	1	0,49
<i>Aluado</i>	1	0,49
<i>Antipático</i>	4	1,94
<i>Antissociável</i>	4	1,94
<i>Arrogante/Presumido</i>	9	4,37
<i>Autoritário</i>	2	0,97
<i>Complicado</i>	1	0,49
<i>Conformista</i>	1	0,49
<i>Convencido</i>	9	4,37
<i>Crítico</i>	1	0,49
<i>Desconfiado</i>	9	4,37
<i>Despreocupado</i>	1	0,49
<i>Discreto/Reservado</i>	5	2,43
<i>Dramático</i>	1	0,49
<i>Desinquieto/Irrequieto</i>	2	0,97
<i>Desonesto</i>	12	5,83
<i>Distante/Distraído</i>	6	2,91
<i>Egocêntrico</i>	2	0,97
<i>Egoísta</i>	4	1,94
<i>Envergonhado</i>	1	0,49
<i>Esquisito/Estranho</i>	3	1,46
<i>Exagerado</i>	1	0,49
<i>Falador</i>	8	3,88
<i>Falso</i>	1	0,49
<i>Fechado</i>	7	3,40
<i>Feio</i>	1	0,49
<i>Frio</i>	7	3,40
<i>Gabarola</i>	1	0,49
<i>Grosseiro/Estúpido/Rude</i>	6	2,91
<i>Hipócrita</i>	2	0,97
<i>Ignorante</i>	2	0,97
<i>Impaciente</i>	1	0,49
<i>Individualista</i>	1	0,49
<i>Influenciável</i>	1	0,49
<i>Interesseiro</i>	3	1,46
<i>Intolerante</i>	2	0,97
<i>Introvertido</i>	4	1,94
<i>Invejoso</i>	5	2,43
<i>Irresponsável</i>	2	0,97
<i>Mau</i>	2	0,97
<i>Mal-humorado</i>	1	0,49
<i>Mentiroso</i>	4	1,94
<i>Misterioso</i>	1	0,49

Adjetivos de sentido negativo	Ocorrências por adjetivo	Porcentagem
<i>Moreno</i>	2	0,97
<i>Narcisista</i>	1	0,49
<i>Oportunista</i>	1	0,49
<i>Orgulhoso</i>	3	1,46
<i>Pedante</i>	1	0,49
<i>Pessimista</i>	3	1,46
<i>Poupado</i>	1	0,49
<i>Preconceituoso</i>	1	0,49
<i>Preguiçoso</i>	11	5,34
<i>Racista</i>	7	3,40
<i>Riguroso/Rígido</i>	2	0,97
<i>Ruim</i>	1	0,49
<i>Superior</i>	1	0,49
<i>Suscetível</i>	1	0,49
<i>Teimoso</i>	6	2,91
<i>Terrorista</i>	1	0,49
<i>Tímido</i>	5	2,43
<i>Traíçoeiro</i>	1	0,49
<i>Único</i>	1	0,49
<i>Unido</i>	2	0,97
<i>Vaidoso</i>	1	0,49
<i>Vingativo</i>	1	0,49
<i>Violento</i>	4	1,94
Total de ocorrências	206	100